



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE E DESENVOLVIMENTO REGIONAL
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA DE CAMPOS
CURSO DE BACHARELADO EM GEOGRAFIA

JULIANA PERCILIA DE OLIVEIRA PEREIRA

AGROECOLOGIA NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS DO *FACEBOOK* E
INSTAGRAM

Campos dos Goytacazes
2021

Ficha catalográfica automática - SDC/BUCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

P436a Pereira, Juliana Percilia de Oliveira
Agroecologia nas redes sociais digitais do Facebook e do
Instagram / Juliana Percilia de Oliveira Pereira ; Erika
Vanessa Moreira Santos, orientadora. Campos dos Goytacazes,
2021.
71 p. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia)-
Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências da
Sociedade e Desenvolvimento Regional, Campos dos Goytacazes,
2021.

1. Agroecologia. 2. Redes Sociais Digitais. I. Santos, Erika
Vanessa Moreira, orientadora. II. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento
Regional. III. Título.

CDD -

JULIANA PERCILIA DE OLIVEIRA PEREIRA

AGROECOLOGIA NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS DO *FACEBOOK* E *INSTAGRAM*:

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
Fluminense como requisito parcial para a
obtenção do grau Bacharel em Geografia.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Erika Vanessa Moreira Santos

Campos dos Goytacazes
2021

JULIANA PERCILIA DE OLIVEIRA PEREIRA

AGROECOLOGIA NAS REDES SOCIAIS DIGITAIS DO *FACEBOOK* E *INSTAGRAM*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal Fluminense como requisito
parcial para a obtenção do grau Bacharel em
Geografia

Aprovada em 20 de maio de 2021

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Erika Vanessa Moreira Santos (orientadora)
UFF – Universidade Federal Fluminense



Profa. Dra. Maria do Socorro Bezerra de Lima
UFF – Universidade Federal Fluminense



Profa. Dra. Larissa Araújo Coutinho de Paula

DEDICATÓRIA

Por todos os caminhos que precisei passar para chegar até aqui, dedico este trabalho de conclusão de curso aos meus pais, a minha família e amigos (os), com todo o meu carinho e dedicação.

A solidariedade, a força e o amor de vocês estiveram comigo durante estes 4 anos de Universidade superando os obstáculos da distância, saudade, emoção e preocupação.

Dedico esse estudo à vocês, minhas inspirações de vida.

*I wanna leave my footprints on the sands of time
Know there was something that means something that I left behind
When I leave this world, I'll leave no regrets
Leave something to remember, so they won't forget
- Beyoncé*

AGRADECIMENTOS

Este é um sonho que se realiza.

Meus agradecimentos aos professores (as) e funcionários (as) da Universidade Federal Fluminense no campus de Campos dos Goytacazes, em especial a Profa. Dra. Erika Moreira por me orientar e contribuir com o meu crescimento educacional e profissional. A todos os (as) integrantes do laboratório do NERU (Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos), onde pude aprender e desenvolver meus ensinamentos no curso de Bacharelado em Geografia. A Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROAES) por ter possibilitado por meio dos editais de auxílios e bolsas de estudo a minha presença na cidade de Campos, fornecendo condições de cursar a faculdade e ter chegado até aqui.

A todos (as) os meus familiares e minha madrinha que, de alguma forma, seja financeira, afetiva ou moral, acreditaram em mim e dispuseram de todos os apoios possíveis até o fim desta jornada. Em especial à minha mãe Fabiana Percilia e ao meu pai Juarez Magalhães por se empenharem ao máximo para realizar o sonho de verem a sua filha se formando em uma Universidade Federal e hoje estamos colhendo os frutos que tanto desejamos. Aos meus avós, Diley Percilia e Antônio Pedro, e aos meus tios, Fábio Percilio e Juçara Braga, Flávio Percilio e Rebecca Santos, por sempre acreditarem no meu potencial e exaltarem minhas melhores qualidades.

Meus agradecimentos também vão para todas as minhas amigas e amigos, que de diversas formas me deram apoio com suas energias positivas, em especial à Cíntia Lisboa que foi a minha maior parceira durante a minha estadia no município de Campos, compartilhamos vivências em repúblicas, viagens e experiências no meio acadêmico. À Bruna Bernardes, minha amiga desde o colégio, pois, mesmo com a distância contribuiu muito para que eu não desistisse do meu sonho e dos meus objetivos, sempre nos fortalecendo e partindo dos melhores momentos que uma amizade poderia nos proporcionar.

A todos, muito obrigada. De coração.

RESUMO

A Agroecologia vivencia seu amplo debate nos meios acadêmicos e nas práxis sociais reforçando sua preocupação nas diretrizes ambientais e socioeconômicas. Os movimentos sociais e coletivos (quilombolas, agricultores familiares, agricultores urbanos, cientistas acadêmicos, organizações não governamentais etc), procuram disseminar informações como uma ferramenta política para a valorização da agroecologia. Para ampliar essa coletividade, uma das formas encontrada no intuito de dar visibilidade a estes trabalhos foi o uso das redes sociais (*Facebook* e *Instagram*). Essas redes são plataformas que possibilitam muitos desses coletivos compartilharem suas vivências agroecológicas com os demais grupos que possuem o mesmo interesse no tema. Essa pesquisa tem como objetivo principal identificar, espacializar e analisar os grupos que utilizam o espaço das redes sociais para divulgar a agroecologia, visando suas estratégias em redes, os tipos de representações de linguagem utilizadas no *Facebook* e no *Instagram*. Os procedimentos metodológicos abarcam o levantamento bibliográfico, o levantamento sistemático de perfis e páginas nas redes sociais *Facebook* e *Instagram* que abordam o assunto e a construção de mapas e organogramas. Durante o mês de setembro de 2020, foram encontrados o total de 176 perfis com foco central nas ações em prol da Agroecologia. Os perfis encontrados, no entanto, foram subdivididos nas seguintes categorias: organizações coletivas (cooperativas, associações) e entidades públicas (Instituições governamentais, universidades). É por meio das redes sociais digitais que os grupos buscam disseminar suas ações e sensibilizar quanto a valorização da agroecologia e a participação coletiva.

Palavras-chave: Agroecologia, Facebook, Instagram, Redes Sociais Digitais.

ABSTRACT

Agroecology experiences its broad debate in academic circles and in social praxis reinforcing its concern in environmental and socioeconomic guidelines. Social and collective movements (quilombolas, family farmers, urban farmers, academic scientists, non-governmental organizations, etc.) seek to disseminate information as a political tool for the valorization of agroecology. To expand this collective, one of the ways found in order to give visibility to these works was the use of social networks (Facebook and Instagram). These networks are platforms that enable many of these collectives to share their agroecological experiences with other groups that have the same interest in the theme. This research aims to identify, spatialize and analyze the groups that use the space of social networks to disseminate agroecology, aiming their strategies in networks, the types of language representations used on Facebook and Instagram. The methodological procedures include the bibliographic survey, the systematic survey of profiles and pages on social networks Facebook and Instagram that address the subject and the construction of maps and organigrams. During the month of September 2020, a total of 176 profiles with a central focus on actions for agroecology were found. The profiles found, however, were subdivided into the following categories: collective organizations (cooperatives, associations) and public entities (government institutions, universities). It is through digital social networks that groups seek to disseminate their actions and raise awareness about the value of agroecology and collective participation.

Keywords: Agroecology, Facebook, Instagram and Digital Social Networks.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Principais diferenças entre Agricultura Sustentável e Convencional.....	25
Quadro 2: Nome dos perfis respondentes e suas respectivas cidades.....	57

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Mapa de localização dos perfis encontrados nas redes sociais (<i>Facebook</i> e <i>Instagram</i>) nos estados brasileiros, 2020.....	48
Mapas 2: Tipos de organizações dos perfis agroecológicos nas redes sociais (<i>Facebook</i> e <i>Instagram</i>) nos estados brasileiros, 2020	50
Mapa 3: Tipos de ações e redes sociais usadas pelos respondentes nos estados brasileiros. 2021.....	52

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Perfil do movimento social do MST de Paranapanema – SP.....	53
Imagem 2: Postagem sobre práticas agroecológicas do movimento social do MST de Paranapanema-SP..	54
Imagem 3: Perfil do coletivo Agrofloresta do Cocotá.....	54
Imagem 4: Postagem sobre o mutirão organizado pelo coletivo.....	55
Imagem 5: Perfil do Instagram do Núcleo de Agroecologia da UnB.....	56
Imagem 6: Perfil do Facebook do Núcleo de Agroecologia da UnB.....	56

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Tempo de existência dos coletivos	59
Gráfico 2: Quantidade de pessoas que fazem parte do coletivo.....	60
Gráfico 3: Representação dos tipos de parceria para as ações em pró da agroecologia.....	60
Gráfico 4: Dados sobre a interação dos perfis digitais com os seus seguidores.....	61

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

ABA – Associação Brasileira de Agroecologia

ANA – Articulação Nacional de Agroecologia

APP – Aplicativos

COVID19 - *Corona Virus Disease* de 2019

ENA – Encontro Nacional de Agroecologia

EP – Entidades Públicas

EUA- Estados Unidos da América

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MST- Movimento dos Sem Terra

NERU – Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos

OC – Organizações Coletivas

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONG – Organizações Não Governamentais

PNAD -Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua

PNUMA - Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente

SIG – Sistemas de Informações Geográficas

UFF – Universidade Federal Fluminense

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. CAPÍTULO I – AGROECOLOGIA – A busca da sua conceituação e seus desdobramentos políticos.....	19
2.1 Agroecologia como Ciência.....	20
2.2 Agroecologia e os movimentos políticos.....	22
2.3 A busca da sustentabilidade na agricultura.....	26
2.4 Dimensão Política.....	29
3. CAPÍTULO II – Um debate sobre as redes sociais digitais.....	33
3.1 A rede.....	33
3.2 Redes Sociais.....	37
3.3 O Facebook e o Instagram.....	39
3.4 Ciberespaço.....	41
3.5 Os movimentos sociais nas redes sociais.....	42
4. Capítulo III – Um panorama dos grupos da agroecologia nas redes sociais.....	44
4.1 Metodologia da pesquisa.....	44
4.2 Grupos Coletados.....	46
4.3 Análise dos resultados obtidos.....	47
4.4 Os resultados dos respondentes.....	52
5. Considerações finais.....	63
6. Referências bibliográficas.....	64
7. Apêndice.....	67

1. INTRODUÇÃO

Durante a trajetória na Universidade Federal Fluminense (UFF) e junto ao NERU (Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos), muitas inquietações surgiram sobre assuntos e discussões pautados sobre os divergentes modos de produção agrícola no mundo. No ano de 2019, ocorreu o 1º Encontro de Agroecologia do campus da UFF, em Angra dos Reis - RJ no mês de agosto, para a construção da Rede de Agroecologia da UFF. Esta rede é composta pelos 6 campus da UFF (Angra dos Reis, Santo Antônio de Pádua, Campos dos Goytacazes, Niterói, Macaé e Rio das Ostras) no intuito de estabelecer debates sobre questões relacionadas à agroecologia e as formas de produção sustentáveis e justas. Foi a partir deste evento que o interesse em pesquisar sobre o tema da agroecologia foi despertado e se materializa neste trabalho de conclusão de curso.

A agroecologia vivencia seu amplo debate nos meios acadêmicos e nas práxis sociais interessadas em estabelecer uma racionalidade ecológica nas produções agrícolas, ela também reforça sua preocupação nas diretrizes ambientais, como a sustentabilidade das produções e também nas questões socioeconômicas.

Ao aprofundar no assunto, notou-se que no Brasil existem organizações coletivas que buscam colocar em prática os sistemas agroecológicos. Esses movimentos fortalecidos no início dos anos 2000 tiveram seus encontros em 2002 com I Encontro Nacional de Agroecologia (ENA); em 2002, por meio da construção da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) e no ano de 2006 com a realização do II ENA. Posto isso, a Agroecologia soma seus apoios para viabilizar sua implementação com bases argumentativas científicas e abordando a segurança e a soberania alimentar e nutricional, a justiça social, os direitos dos povos do campo e a valorização dos saberes tradicionais.

Atualmente, a agroecologia conta com grandes e ativos grupos (movimentos sociais, quilombolas, agricultores familiares, agricultores urbanos, acadêmicos, organizações não governamentais, etc). A fim de usufruírem dos compartilhamentos de seus saberes e experiências, esses grupos, em forma de rede, procuram disseminar suas ferramentas políticas em prol da defesa e valorização dos princípios agroecológicos.

Para ampliar essa coletividade, uma das formas encontradas no intuito de dar visibilidade a estes saberes foi o uso das redes sociais digitais (*Facebook* e *Instagram*). Essas redes são plataformas que possibilitam os grupos a compartilharem suas vivências agroecológicas e trocarem experiências e desafios. Lembrando que não são todas pessoas que possuem acesso à internet e aparelhos conectados à essas plataformas sociais. Essa falta de

acesso também é uma questão política e não descarta a importância do cuidado e do respeito aos saberes tradicionais.

Devido ao momento da pandemia do novo *Corona Virus Disease* de 2019 (COVID-19), optou-se, neste trabalho, pela realização de uma pesquisa sobre esses grupos relacionados à Agroecologia e que reportam suas experiências e práticas nas redes sociais *Facebook* e *Instagram*. Portanto, a presente pesquisa recorre ao espaço da *internet* no intuito de investigar e apresentar questionamentos e reflexões sobre a temática da Agroecologia.

O objetivo principal deste trabalho consiste em identificar, espacializar e analisar os grupos que usaram o espaço das redes sociais (*Facebook* e *Instagram*) para divulgar a Agroecologia no ano de 2020. Os objetivos específicos são: 1. Identificar e caracterizar os grupos quanto ao perfil de localização e as ações nas redes *Facebook* e *Instagram* no ano de 2020; 2. Identificar e analisar o tipo de representação, de linguagem usada pelos grupos na divulgação da agroecologia e 3. Compreender qual o papel das redes sociais digitais na disseminação das ações de agroecologia.

Os saberes agroecológicos, as técnicas e práticas correspondem às condições ecológicas, econômicas, técnicas e culturais de cada geografia e de cada população (LEFF, 2002, p. 37). Na década de 1980, eram vistos no Brasil os coletivos que se dedicam a compreender meios de se relacionarem com a natureza e também a sociedade civil, esses grupos, por meio da racionalidade ecológica e econômica, dos saberes culturais dos indígenas, dos povos tradicionais e da agricultura camponesa juntamente com os conhecimentos científicos de hoje (PETERSEN, 2020) foi o que levou a ciência agroecológica a espelhar um modo produtivo de praticar culturas em diversos locais, fazendo críticas às práticas produtivas que impõe a natureza e os ecossistemas ao pacote químico.

Ao incorporar o funcionamento ecológico necessário para uma agricultura baseada nos princípios agroecológicos, permite também um acesso mais igualitário aos modos de vida. Sobre isso, a nossa pesquisa visa compreender como os mais diversos grupos buscam meios de se organizarem para praticarem a agroecologia. A fim de conceituar melhor o que é a Agroecologia os autores Caporal e Costabeber (2004) trazem um seu artigo reflexões a respeito das importâncias da ciência agroecológica por meio de seus conceitos bem identificados e o que poderia ser um equívoco a seu propósito de uma construção de estilos de agriculturas sustentáveis. No intuito de amenizar esta distorção do que seria um conceito mais correto para exemplificar a Agroecologia, Caporal; Costabeber (2004) enfatizam sobre a

importância de um conceito bem amarrado a respeito da mesma para a comunidade acadêmica e seus praticantes, distinguindo o que seria uma distorção dos princípios agroecológicos.

A importância de distinguir os conceitos agroecológicos nos dão possibilidades para um enfoque às especificidades socioculturais dos atores sociais assegurando seus princípios e suas necessidades aos diferentes agroecossistemas.

Os perfis dos grupos criados nas redes sociais digitais do *Facebook* e do *Instagram* enfatizam, em linhas gerais, o senso de comunidade por meio de seus coletivos agroecológicos. Castells (2013) nos lembra que os movimentos sociais mais recentes são “conectados em rede de múltiplas formas” como as redes da *internet* e redes tradicionais, em que ambas promovem informações e comunicações de maneira rápida e efetiva ao encontro de pessoas com interesses comuns. Assim, os movimentos sociais e os coletivos se utilizam das redes digitais para mobilizar, organizar, deliberar, coordenar e conseguem sobreviver graças aos que comungam de uma cultura específica e que buscam a autonomia para que ocorram as transformações na sociedade futuramente.

Como a pesquisa se perpetua no âmbito da *internet*, é importante ressaltar que se trata de uma porcentagem da população que tem acesso às essas redes sociais (*Facebook* e *Instagram*). Segundo a última pesquisa do Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD), em 2018, o uso da *internet* vem cada vez mais se expandindo no país, registrando 79,1% da população com acesso à *internet*. Segundo o PNAD em 2018, os principais motivos da não utilização da *internet* nos domicílios brasileiros eram: falta de interesse em acessar à *internet* (34,7%); serviço de acesso à *internet* é caro (25,4%); nenhum morador sabia usar a *internet* (24,3%); o serviço de acesso à *internet* não está disponível na área do domicílio (7,5%) e o fato do equipamento eletrônico para acessar à *internet* ser caro (4,7%). Esses dados mostram que há no país uma desigualdade digital que não está separada da desigualdade social.

Para a construção deste trabalho, realizou-se um levantamento bibliográfico sobre o tema e a construção de uma pesquisa exploratória nas redes sociais digitais do *Facebook* e *Instagram*. Durante uma semana do mês de setembro do ano de 2020 foi feita a busca nas redes sociais do *Facebook* e do *Instagram*, utilizando a palavra-chave “AGROECOLOGIA”, a fim de encontrar os mais variados grupos que abordassem o tema e compartilhassem suas experiências agroecológicas nessas redes sociais. Somando o total de perfis levantados que mostraram os resultados sobre “AGROECOLOGIA”, foram identificados 176 perfis em ambas redes. Esses perfis, no entanto, foram subdivididos em categorias: Organizações

Coletivas (cooperativas, associações, movimentos sociais) e Entidades Públicas (instituições, universidades). Nessa primeira sistematização o objetivo foi encontrar esses grupos em escala nacional, no entanto os resultados apresentaram uma concentração nos estados localizados na região sudeste do país, considerando que todas as regiões brasileiras apresentaram pelo menos 1 perfil que aborda o tema da agroecologia.

A estrutura do trabalho está dividida em três capítulos, o primeiro capítulo está organizado em três seções para que se possa fazer uma análise sobre o campo tão vasto e importante da agroecologia. A primeira seção aborda sobre o conceito da agroecologia enquanto ciência entendida nos meios acadêmicos e sobre o tema na esfera dos movimentos políticos, que optaram pela agroecologia como um modelo de produção para seus cultivos e os conflitos que enfrentam. Na segunda seção tratar-se-á sobre a sustentabilidade nos sistemas agroecológicos e como a agroecologia pode ser um meio de ressignificar essas produções a partir de seus conceitos e preocupações na busca da sustentabilidade nos processos produtivos. No terceiro tópico, ver-se-á como o tema está presente no nosso dia a dia, seja por meio de políticas públicas, organizações sociais, eventos universitários e redes sociais.

No segundo capítulo há quatro seções que versam sobre as múltiplas dimensões que o conceito rede carrega em si e seus importantes desdobramentos durante a história do mundo e o conceito da rede nos meios acadêmicos. Na segunda seção abordar-se-á sobre as redes sociais e a rede social digital, com enfoque para o *Facebook* e o *Instagram*, além de abordar o ciberespaço. Na nossa terceira seção, objetiva-se tratar como a mudança da forma de comunicação também apresenta efeitos nas esferas dos movimentos sociais na era das redes sociais digitais.

O último capítulo está organizado em três seções contendo os resultados da pesquisa pelas redes sociais digitais. Na primeira seção, apresentar-se-á a metodologia da pesquisa e os recursos utilizados. A segunda seção aborda uma descrição detalhada acerca dos grupos coletados e identificados por meio do nosso método de pesquisa e, por fim, na última seção tem-se os resultados do trabalho mediante a elaboração de mapas e gráficos dos grupos das redes sociais *Facebook* e *Instagram* caracterizados por suas concentrações por estados e divididos em grupos de organizações coletivas e entidades públicas.

CAPÍTULO I

Agroecologia – A busca da sua conceituação e seus desdobramentos políticos

Neste primeiro capítulo abordaremos as bases teóricas e políticas da Agroecologia como ciência oposta ao sistema convencional, ou seja, em oposição ao modelo da Revolução Verde. Graziano da Silva (2001) denomina de “modernização conservadora da agricultura brasileira”, a propagação do modelo da “Revolução Verde”. Esta revolução assumiu a forma de uma modernização tecnológica socialmente conservadora por meio da prioridade do subsídio de créditos agrícolas a fim de estimular grandes produções agrícolas, as esferas agroindustriais, as empresas de maquinários e de insumos industriais para uso agrícola (tratores, herbicidas e fertilizantes químicos) (MOREIRA, 2000, p. 43-44).

Como resistência a esse modelo predatório, a agroecologia surge no Brasil, por volta dos anos de 1970 e 1980, com os chamados movimentos de “agricultura alternativa”, esses movimentos fizeram parte do que hoje chamamos de movimentos agroecológicos (CARDOSO, 2020). As diferentes correntes da agricultura não industrial fazem críticas às práticas produtivas que impõe a natureza e aos ecossistemas ao uso do pacote químico. Esses coletivos se dedicaram a compreender os meios de se relacionarem com ecossistema e a sociedade civil, por meio da racionalidade ecológica e econômica dos saberes culturais dos povos tradicionais e da agricultura camponesa juntamente com os conhecimentos científicos de hoje (PETERSEN, 2020).

O capítulo está organizado em três seções para que possamos fazer uma análise sobre o campo tão vasto e importante da Agroecologia. Na primeira seção optamos por dividi-la em duas partes, primeiro será discutido sobre o conceito da agroecologia enquanto ciência entendida nos meios acadêmicos, respaldado nos principais pesquisadores e seus trabalhos realizados e, em segundo lugar, será abordado o tema na esfera dos movimentos políticos, que optaram pela agroecologia como um modelo de produção para seus cultivos e os conflitos que enfrentam. Na segunda seção haverá discussões sobre a sustentabilidade nos sistemas agroecológicos e como a Agroecologia pode ser um meio de ressignificar essas produções a partir de seus conceitos e preocupações na busca da sustentabilidade nos processos produtivos. No terceiro tópico, a abordagem focará como o tema está presente no nosso dia a dia, por meio de políticas públicas, organizações sociais, eventos universitários e redes sociais digitais.

2.1 Agroecologia como Ciência

Nesta primeira seção focamos em apresentar alguns conceitos trabalhados pelos pesquisadores sobre o tema da agroecologia. Em busca de um entendimento mais acurado sobre o assunto, trazemos para a discussão as obras de Caporal e Costabeber (2004), Assis (2002, 2005), Moreira (2000), Altieri (2004), Arl (2008) e Hespanhol (2008). Esses autores abordam, em suas pesquisas, conceitos, visões e características sobre agroecologia como ciência e ainda, como a mesma é vista fora do meio acadêmico.

Com o objetivo de conceituar a agroecologia, Caporal e Costabeber (2004) trazem, em seu artigo “Agroecologia: alguns conceitos e princípios”, reflexões a respeito da importância da ciência agroecológica pelos conceitos bem definidos para a construção de estilos de agriculturas sustentáveis. No intuito de amenizar esta distorção do que seria um conceito mais amplo para exemplificar a agroecologia, os autores enfatizam a importância de um conceito articulado para esta ciência, para as comunidades acadêmicas e também de seus praticantes, distinguindo o que seria uma distorção dos princípios agroecológicos.

Nesse sentido, são comuns as interpretações que vinculam a Agroecologia com “uma vida mais saudável”; “uma produção agrícola dentro de uma lógica em que a natureza mostra o caminho”; “uma agricultura socialmente justa”; “o ato de trabalhar dentro do meio ambiente, preservando-o”; “o equilíbrio entre nutrientes, solo, planta, água e animais”; “o continuar tirando alimentos da terra sem esgotar os recursos naturais”; “um novo equilíbrio nas relações homem e natureza”; “uma agricultura sem destruição do meio ambiente”; “uma agricultura que não exclui ninguém”; entre outras. Assim, o uso do termo Agroecologia nos tem trazido a ideia e a expectativa de uma nova agricultura capaz de fazer bem ao homem e ao meio ambiente (CAPORAL; COSTABEBER, 2004, p. 6).

A importância de especificar os conceitos sobre a agroecologia nos dão possibilidades para um enfoque enquanto as especificidades socioculturais dos atores sociais que trabalham nessa seara ecológica, assegurando assim, seus princípios e necessidades de adaptação dos cultivos aos diferentes agroecossistemas encontrados. É visto que, com o passar do tempo, homens e mulheres vêm buscando métodos menos agressivos de se trabalhar com o meio ambiente sendo capazes de proteger os recursos naturais.

O que esses autores nos trazem é que existe uma distinção entre o que é uma produção de modelo de agricultura convencional ou agroquímica (modelos mais dependentes de insumos externos) decorrentes da “Revolução Verde” (de caráter ambientalista das práticas

agrícolas convencionais, ecotecnocrático) da agricultura pautada nos princípios agroecológicos. Nesta busca e construção de novos conhecimentos, a agroecologia é um enfoque científico capaz de dar suporte a uma transição para estilos de agriculturas sustentáveis, partindo dos seus princípios que caminham para uma construção de agriculturas de base ecológica ou sustentáveis (CAPORAL; COSTABEBER, 2004, p. 8).

As concepções de uma agricultura de base ecológica baseada nos fundamentos agroecológicos, apresentam, segundo os autores, distinção entre os estilos de agricultura alternativa. Os agrossistemas que optarem por uma essência agroecológica em seus cultivos, requerem uma precaução no que se refere a utilização de agrotóxicos ou fertilizantes químicos no seu processo produtivo, que visa não só a relação homem-meio, mas também uma abordagem socioeconômica quando se fala de autonomia e soberania alimentar. Outra característica forte da agroecologia é a realização do plantio com variados tipos de produção (CAPORAL; COSTABEBER, 2004, p. 9).

Já as chamadas agriculturas alternativas, podem abarcar particularidades apenas substituindo insumos químicos por orgânicos e afins, sem necessariamente ter uma perspectiva mais ampla (ambiental – social - econômica) podendo ter um caráter monocultivo (CAPORAL; COSTABEBER, 2004, p. 9).

Para definir uma produção baseada nos fundamentos agroecológicos é necessário adotarmos princípios básicos como: menor dependência possível de insumos externos, conservação de recursos naturais e a maximização da reciclagem de energia e nutrientes. Estas, portanto, nos remetem a uma preocupação no intuito de minimizar as perdas durante todo o processo produtivo exercido pelos (las) agricultores (ras).

Ademais, faz-se necessário considerar, também, que a prática da agricultura envolve um processo social, integrado a sistemas econômicos e que, portanto, qualquer enfoque baseado simplesmente na tecnologia ou na mudança da base técnica da agricultura pode implicar no surgimento de novas relações sociais, de novo tipo de relação dos homens com o meio ambiente e, entre outras coisas, em maior ou menor grau de autonomia e capacidade de exercer a cidadania. (CAPORAL; COSTABEBER, 2004, p. 10).

O que esses autores nos asseguram é que não basta apenas modificar a forma de plantio seja com ou sem agrotóxicos e fertilizantes, a agroecologia nos mostra que é preciso ir além da forma de produção, seus conceitos nos ajudam a compreender os eixos e as necessidades de uma produção alimentícia de qualidade benéfica para a natureza e agricultoras e agricultores.

Em “Agricultura orgânica e agroecologia: questões conceituais e processo de conversão”, Assis (2005) refere-se a agroecologia como uma forma de vencer o desafio de estabelecer uma agricultura sustentável, a ciência agroecológica resgata, sob novas bases tecnológicas e econômicas, os múltiplos saberes das sociedades camponesas tradicionais na qual esses conhecimentos foram desprezados pelo modelo comercial e agroquímico.

Estabelecer uma base teórica para os diferentes movimentos de agricultura alternativa foi importante para ganhar forças nos últimos anos. A agroecologia é uma ciência e não deve ser entendida somente como uma prática agrícola (ASSIS, 2002, p. 11). Diferente dos tipos de agricultura que existem no mundo, essa ciência busca um entendimento mais amplo do funcionamento agrossistêmico e, com isso, sua influência/relação é diferente no ponto de vista estratégico, pois, seus sistemas produtivos complexos e diversificados adotam processos ecológicos, agrônomos, sociais, econômicos e tecnológicos.

Assim, a agroecologia, através de uma metodologia própria e tendo os agroecossistemas como unidade de estudo, procura compreender o funcionamento e a natureza dessas unidades, integrando para isso princípios ecológicos, agrônomos e socioeconômicos na compreensão e avaliação de efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo (ASSIS, 2002, p. 13).

Consideramos, com base em Assis (2002), que a agroecologia é uma ciência que pode ser estudada e discutida nos ambientes universitários e capaz de proporcionar um modelo alternativo de produção agrícola com fortes embasamentos teóricos e experimentais, com a finalidade de assegurar metodologias interdisciplinares.

2.2. Agroecologia e os movimentos políticos

Sabemos então sobre o surgimento do conceito da agroecologia, tendo em vista a crise do modelo hegemônico de produção, outro desafio para a efetivação da propagação da Agroecologia foi a articulação e a organização dos movimentos sociais quanto ao formato organizacional (ARL, 2008. p. 166). Sobre esta articulação, Valdemar Arl (2008), em sua obra “Agroecologia: desafios para uma condição de interação positiva e coevolução humana na natureza”, chama a atenção sobre a dimensão estratégica na transformação do campo por meio dos movimentos sociais em pró da agroecologia.

(...) a articulação em Rede é uma estratégia eficaz porque pode perpassar Instituições e Movimentos, sendo a organização de sociedades articuladas em redes, formas muito atuais e efetivas de sustentação de identidades coletivas

embasadas em padrões comuns de comportamento, valores e perspectivas (ARL, 2008. p. 166).

Arl (2008) nos lembra sobre os questionamentos acerca dos comportamentos da sociedade diante das questões ambientais e sociais, tendo em vista o campo como papel estratégico e de grande influência no que diz respeito à agricultura familiar/camponesa. A maior parte dos agricultores alternativos e ecológicos que convertem seus sistemas de produção no Brasil é familiar (BRANDESNBURG, 2002, p. 14). Portanto, vê-se nessas articulações um meio necessário para conversão agroecológica.

Outro autor importante para esse debate é o chileno Miguel Altieri, engenheiro agrônomo e entomologista. Altieri é professor de Agroecologia na Universidade da Califórnia, no Departamento de Ciência Ambiental, Política e Gerenciamento. Em seu livro “Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável”, em 2004, é ressaltada a importância da agroecologia para a ampla diversificação de cultivos, para que possam ser mais estáveis frente aos processos produtivos (flutuações mercadológicas e climáticas) otimizadas pela capacidade de auto-reprodução (ALTIERI, 2004, p. 23).

A produção sustentável em um agroecossistema deriva do equilíbrio entre plantas, solos, nutrientes, luz solar, umidade e outros organismos coexistentes. O agroecossistema é produtivo e saudável quando essas condições de crescimento ricas e equilibradas prevalecem, e quando as plantas permanecem resilientes de modo a tolerar estresses e adversidades. Às vezes, as perturbações podem ser superadas por agroecossistemas vigorosos, que sejam adaptáveis e diversificados o suficiente para se recuperarem passado o período de estresse. Ocasionalmente, os agricultores que empregam métodos alternativos podem ter de aplicar medidas mais drásticas (isto é, inseticidas botânicos, fertilizantes alternativos) para controlar pragas específicas ou deficiências do solo. A agroecologia engloba orientações de como fazer isso, cuidadosamente, sem provocar danos desnecessários ou irreparáveis. Além da luta contra as pragas, doenças ou problemas do solo, o agroecologista procura restaurar a resiliência e a força do agroecossistema. Se a causa da doença, das pragas, da degradação do solo, por exemplo, for entendida como desequilíbrio, então o objetivo do tratamento agroecológico é restabelecê-lo. O tratamento e a recuperação são orientados por um conjunto de princípios específicos e diretrizes tecnológicas (ALTIERI, 2004, p. 23-24).

Na preocupação do manejo em relação aos métodos utilizados pelos agricultores, o autor nos atenta para que essa autoprodução seja desenvolvida, o manejo agroecológico da parte dos (as) agricultores (ras) é fundamental nas suas produções. Em sua obra, o autor buscou expor, além do lado científico da agroecologia, uma face mais prática do nosso tema:

a relação entre os agricultores/ras e a base familiar. Focado em apresentar meios para ascensão da agroecologia nas pequenas propriedades, a agricultura familiar se depara com desafios que vão além da forma que os insumos são utilizados em suas produções.

O desafio do desenvolvimento das pequenas propriedades é que a produção agrícola exige alterações no ecossistema e utilização dos recursos, enquanto que a proteção ambiental requer níveis aceitáveis de conservação desses recursos. Esse equilíbrio deve ser alcançado em um contexto de superação da pobreza rural. Assim, o monitoramento da produtividade, da integridade ecológica e da igualdade social deve ir além da quantificação da produção de alimentos e do controle da qualidade do solo ou da água. Deve incluir, além disso, os níveis de segurança alimentar, fortalecimento social, potencial econômico e independência ou autonomia dos camponeses (ALTIERI, 2004, p. 63-64).

Em perspectiva de obter um ambiente ideal também para os pequenos produtores, o desafio da agroecologia vai além de resolver problemas técnicos (de insumos e preservação da natureza), a agroecologia engloba, no entanto, aspectos políticos e sociais para então dispor de todo seu potencial. Cada vez mais os cientistas interessados em promover a agricultura sustentável terão de se envolver na busca de contextos políticos que promovam a sustentabilidade (ALTIERI, 2004, p. 111). Promovendo, então, uma agricultura sustentável por completo.

Notamos que, por essas características, a agroecologia expõe proporções também no âmbito dos direitos sociais. Conforme Emma Siliprandi, no terceiro capítulo de sua obra mais recente “Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas” em 2015, o movimento das mulheres trabalhadoras rurais é na verdade um dos movimentos de suprema importância na esfera sindical, as trabalhadoras rurais frequentemente estão presentes nas lutas sociais do campo, embora nem sempre sua participação seja reconhecida. Apenas no período mais recente parte dessa história tem sido resgatada (SILIPRANDI, 2015, p. 111). Essas mulheres mobilizam importantes articulações ligadas aos interesses de manejos sustentáveis para suas produções, na busca de sua soberania alimentar, desfrutando de alimentos mais saudáveis para suas famílias.

As concepções apresentadas nesta primeira seção, nos ajudaram a refletir sobre a importância e benefícios que uma agricultura com maiores níveis de sustentabilidade pode nos proporcionar por meio da agroecologia e seus debates políticos e científicos. Hespanhol (2008) nos atenta para uma observação a respeito da importância dessas tendências de produções sustentáveis, sobretudo para aqueles que desenvolvem a agricultura em pequenas

propriedades rurais ou de pequena escala, podendo fortalecer o desenvolvimento de sistemas de produção mais sustentáveis (HESPANHOL, 2008, p. 128-129). A seguir é possível observar como a agroecologia está articulada com a questão da sustentabilidade nas produções agrícolas.

Quadro 1 – Principais diferenças entre Agricultura Sustentável e Convencional

	Agricultura Sustentável	Agricultura Convencional
Aspectos Tecnológicos	<ol style="list-style-type: none"> 1. Adapta-se às diversas condições regionais, aproveitando os recursos locais. 2. Atua considerando o agrossistema como um todo, procurando antever as possíveis consequências da adoção das técnicas. O manejo do solo visa a sua movimentação mínima, conservando a fauna e a flora. 3. As práticas adotadas visam a estimular a atividade biológica do solo. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Desconsideram-se as condições locais, impondo pacotes tecnológicos. 2. Atua diretamente sobre os indivíduos produtivos, visando somente ao aumento da produção e da produtividade. 3. O manejo do solo, com intensa movimentação, considera sua atividade orgânica e biológica.
Aspectos Ecológicos	<ol style="list-style-type: none"> 1. Grande diversificação. Policultura e/ou rotação. 2. Integra, sustenta e intensifica as interações biológicas. 3. Agrossistemas formados por indivíduos de potencial produtivo alto ou médio e com relativa resistência às variações ambientais. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Pouca diversificação. Predominância de monoculturas. 2. Reduz e simplifica as interações biológicas. 3. Sistema pouco estáveis, com grandes possibilidades de desequilíbrios. 4. Formado por indivíduos com alto potencial produtivo, que necessitam de condições especiais para produzir e são altamente suscetíveis às variações ambientais.
Aspectos Socioeconômicos	<ol style="list-style-type: none"> 1. Retorno econômico em médio e longo prazo, com elevado objetivo social. 2. Relação capital/homem baixa. 3. Alta eficiência 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Rápido retorno, com objetivo social de classe. 2. Maior relação capital/homem. 3. Baixa eficiência energética. A maior

	energética. Grande parte da energia introduzida é produzida e reciclada.	parte de energia gasta no processo produtivo é introduzida e, é, em grande parte, dissipada.
	4. Alimentos de alto valor biológico e sem resíduos químicos.	4. Alimentos de menor valor biológico e com resíduos químicos.

Fonte: (HESPANHOL, 2008, p. 123).

Observando as preocupações ambientais, tecnológicas e sociais em relação a agricultura, a discussão trazida neste trabalho tem como perspectiva uma reflexão dos diferentes interesses e posicionamentos sobre os modelos de desenvolvimento sob a sustentabilidade. Nesse sentido, a forma de produção e a qualidade dos alimentos nos faz pensar que ainda cabe, por meio da agroecologia uma proposta sustentável, justa e de grande impacto social.

2.3. A busca da sustentabilidade na agricultura

As práticas de manejo utilizadas na agricultura convencional tendem a favorecer a alta produtividade em curto prazo, comprometendo futuros cultivos (GLIESSMAN, 2002, p.6). Os avanços tecnológicos, oriundos da “Revolução Verde”, permitiram que as novas formas de cultivos estejam dependentes de pacote químico para acelerar o tempo da natureza. Algumas formas de superar esse desafio foram o controle químico de pragas e a manipulação do genoma vegetal (GLIESSMAN, 2002). Segundo estudos sobre o assunto, este tipo de cultivo provoca consequências ambientais danosas e socioeconômicas no meio em que são introduzidos. Na busca de uma agricultura que engloba recursos contra as pragas não só em curto prazo e também para que o (a) agricultor (ra) não fique dependente de químicos e sementes transgênicas para sua produção. Esta seção traz abordagem dos autores Gliessman (2002), Leff (2002) e Moreira (2000) sobre como a agroecologia pode resgatar e valorizar a cultura de uma agricultura sustentável e produtiva.

Para começarmos a compreender o que seria esse resgate, vamos nos atentar para o que o professor e pesquisador da Universidade da Califórnia, Stephen Gliessman, dedicado às pesquisas e as experiências de produções agroecológicas, traz em seu trabalho *Agroecologia: procesos ecológicos en agricultura sostenible, 2002*, sobre o entendimento do que seria a sustentabilidade:

La palabra sostenibilidad tiene diferentes significados para diferentes personas; sin embargo, hay consenso en que tiene una base ecológica.

En una forma general, la sostenibilidad es una versión del concepto de “rendimiento sostenido”, es decir, la condición o capacidad de cosechar a perpetuidad cierta biomasa de un sistema que tiene la capacidad de renovarse por sí mismo o que su renovación no está en riesgo (GLIESSMAM, 2002, p.12)

Na concepção do autor, há um consenso de que a palavra sustentabilidade está ligada à lógica ecológica, para ele a capacidade de renovação que a própria natureza dispõe, condiciona o sistema de se renovar utilizando os recursos naturais necessários sem colocá-los em risco. Porém, os recursos agrícolas como o solo, a água e a diversidade genética têm sido usados excessivamente e degradados, pelos processos ecológicos globais sobre aqueles que dependem da agricultura, têm sido alterados e as condições sociais que permitem a conservação dos recursos naturais têm sido debilitadas e em alguns casos desmanteladas (GLIESSMAN, 2002, p.7).

Diante disso, buscou-se na agroecologia uma ciência dedicada ao estudo das relações produtivas entre homem e natureza, visando sempre a sustentabilidade ecológica, econômica, social, cultural, política e ética (BONOMO et al., 2012, p. 7). A transição agroecológica pode ser considerada uma opção para aqueles que buscam um sistema agroalimentar sustentável em suas produções, o mais parecido possível com os sistemas naturais, sendo assim, sem causar dependência de insumos comerciais.

Outro autor importante para o entendimento do assunto é o Coordenador da Rede de Formação Ambiental para a América Latina e Caribe, do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) Enrique Leff. Em seu texto “Agroecologia e saber ambiental” apresentado ao II Seminário Internacional sobre Agroecologia, em 2001, e traduzido para o português por Francisco Roberto Caporal, em janeiro de 2002, o autor traz uma alusão às práticas agroecológicas ao mencionar a importância da recuperação e valorização dos saberes tradicionais nessas práticas. Segundo o autor, os saberes agroecológicos correspondem às condições ecológicas, econômicas, técnicas e culturais de cada geografia e de cada população (LEFF, 2002, p. 37).

O autor ressalta que a agroecologia é oposta aos modelos agrícolas depredadores, ou seja, é um novo campo de saberes práticos, uma agricultura mais sustentável ao equilíbrio ecológico e também uma ferramenta para autossustentabilidade e segurança alimentar das comunidades.

A Agroecologia então reconceptualiza a terra e a natureza como agroecossistema produtivo. Isso significa libertar o conceito de terra e de recurso, das formas limitadas de significação do natural submetido à

racionalidade econômica, que levaram a desnaturalizar a natureza de sua organização ecossistêmica para convertê-la em recurso natural, em matéria-prima para a apropriação produtiva (e destrutiva) da natureza; que levaram a desterritorializar a terra para poder estabelecer seu valor como uma renda, produto das fertilidades diferenciadas dos solos (LEFF, 2002, p. 41).

Ao incorporar o funcionamento ecológico necessário para uma agricultura baseada nos princípios agroecológicos, o autor reforça o acesso mais igualitário aos diversos modos de vida existentes. Nesse sentido, a ideia de não só restituir a natureza em seu ecossistema, mas também ressignificar o valor de uso da terra e de seus recursos, levando a uma racionalidade produtiva combinada aos processos tradicionais e os modelos modernos. Assim, os diálogos entre saberes e experiências convocam uma hibridação de ciências e técnicas a fim de potencializar as capacidades dos agricultores a uma interdisciplinaridade, articulando então os conhecimentos ecológicos e antropológicos, econômicos e tecnológicos que confluem na dinâmica dos agroecossistemas (LEFF, 2002, p. 42). Sobre isso, a nossa pesquisa visa compreender como os mais diversos coletivos buscam meios de se organizar para praticar a agroecologia na contemporaneidade.

Como ressalta Moreira (2000), em sua obra “Críticas ambientalistas à Revolução Verde”, o modelo criticado por ambientalistas sobre a produção industrial de caráter concentrador e excludente da modernização tecnológica da agricultura brasileira, remete a um modo socialmente injusto. Tal crítica ao modelo de produção mecanizado e industrializado entrega, portanto, ao âmbito sociopolítico e nos ajuda a refletir questões sobre justiça social, soberania alimentar e entre outras. Esses questionamentos, em suas vertentes ambientalistas, visam novos modelos produtivos: agroecológicos, produção orgânica, produção natural etc. de uma diversidade produtiva e produtos alternativos frente às formas empresariais (MOREIRA, 2000. p. 47).

Oriundas dessas análises técnicas, a prudência ambiental no que diz respeito da engenharia genética e da utilização de sementes transgênicas nas práticas agropecuárias e alimentares, se destaca quando questionadas sobre os métodos utilizados nos sistemas atuais de agricultura moderna, em que as consequências são: poluição e envenenamento dos recursos naturais e dos alimentos, a perda da biodiversidade, a destruição dos solos e assoreamento dos rios (MOREIRA, 2000, p. 44). A consequência é o desemprego dos trabalhadores rurais, e outra crítica que o autor traz em sua obra, é a própria natureza do capitalismo na formação social, política e econômica brasileira, pois assistiu o país a moldar um modelo concentrador e excludente baseado em monoculturas.

2.4. Dimensão Política

Como vimos nas seções anteriores, a agroecologia está presente nos debates acadêmicos e nas práticas no campo e na cidade. Baseadas nessas informações, constatamos que ela envolve um senso ecológico nas produções agrícolas, reforçando sua preocupação nas diretrizes ambientais e socioeconômicas, podendo também promover preocupações e questionamentos quanto aos circuitos de produção, consumo de alimentos produzido sob essas bases ecológicas, acordos comunitários sobre o uso das terras, bancos comunitários de sementes e entre outros. Nesta seção abordaremos sobre o ponto de vista dos (as) autores (ras) Bensadon (2019), Norder *et al.* (2016) e da Articulação Nacional de Agroecologia (2021) as dimensões políticas que a agroecologia abrange em nosso país, referindo-se aos movimentos sociais e políticas públicas que fomentam essas articulações.

Visando a agroecologia como parte relevante de uma estratégia de mobilização social e política, a disseminação do conceito de agroecologia resultou entre os movimentos sociais, a Via Campesina, que agrega mais de 150 organizações populares em 70 países, uma estratégia de desenvolvimento rural e de soberania alimentar centrada na agroecologia, tomada como ciência e movimento social (NORDER *et al.*, 2016, p. 7)

No campo das organizações dos movimentos sociais, até a década de 1990, suas maiores reivindicações eram pela inclusão produtiva com apoio do Estado, as pautas da agroecologia nessas organizações aparecem na maior parte nos anos 2000 (BENSADON, 2019, p. 259). Observando o assunto, nota-se que no Brasil existem organizações públicas, autogestões que buscam colocar em prática os sistemas agroecológicos no país. Esses movimentos vêm se fortalecendo desde os anos 2000 e se organizaram coletivamente na escala nacional como I Encontro Nacional de Agroecologia (ENA) no ano de 2002; Construção da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) no ano de 2002 e Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) no ano de 2002.

A autora Ligia Scarpa Bensadon traz em seu artigo “A agroecologia como um problema público: um olhar a partir da trajetória da Articulação Nacional de Agroecologia”, 2019, um estudo sobre a história dos movimentos agroecológicos e nele a pesquisadora retrata sobre a ANA ter sido criada após o I ENA, que foi composta pelas organizações da comissão organizadora desse primeiro encontro nacional (BENSADON, 2019, p. 261). Diante desse cenário, a autora relata sobre esses espaços de encontro e troca entre atores políticos como poder de coesão e ressonância no campo agroecológico, representando uma força política dos

movimentos sociais (BENSADON, 2019, p. 262). Para se ter noção da quantidade desses movimentos, destaca-se do texto o parágrafo em que a autora cita as organizações e coletivos que a integraram a ANA:

As organizações e coletivos que integravam a ANA em 2016 eram: Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), Articulação do Semi-Árido Brasileiro (ASA Brasil), Conselho Nacional dos Seringueiros (CNS), Coletivo Nacional de Agricultura Urbana, CPT, Coordenação Nacional das Comunidades Quilombolas (Conaq), Contag, Feab, Fetraf, Fórum Cearense pela Vida no Semiárido, Unefab, MPA, Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), MST, Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste (MMTR-NE), Movimento Interestadual de Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), Rede Cerrado, Rede de Mulheres Empreendedoras Rurais da Amazônia (Remera), Rede Ecovida, Rede de Grupos de Agroecologia do Brasil (Rega), União Nacional das Cooperativas da Agricultura Familiar e Economia Solidária (Unicafes). Há ainda as redes estaduais e regionais de agroecologia, dentre as quais: Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (Aarj), Articulação Mineira de Agroecologia (AMA), Articulação Paulista de Agroecologia (APA), Grupo de Intercâmbio em Agroecologia, (Gias) do Mato Grosso, Projeto Terra sem Males, Rede ANA Amazônia, Rede Juçara, Rede Maniva de Agroecologia (Rema), no Amazonas e Rede Sergipana de Agroecologia (Resea). Essa diversidade de organizações expressa uma grande abrangência de articulação pelas regiões, contextos, identidades e biomas. Incluem-se também as diversas ONGs que atuam na ANA, como as que integram seu Núcleo Executivo: AS-PTA, CTA-ZM e Fase, que dentre outras ONGs, estão presentes desde a Rede PTA (BENSADON, 2019, p. 262-263).

Atualmente, a agroecologia é bandeira de movimentos coletivos (quilombolas, agricultores familiares, agricultores urbanos, cientistas acadêmicos, organizações não governamentais, etc), procurando manter-se unidos, esses coletivos procuram usufruírem dos compartilhamentos de seus saberes e experiências agrícolas, sendo ela uma ferramenta política para a construção de base agroecológica fortemente mobilizada em rede.

Essa pluralidade de organizações apresentadas pela autora abarca os movimentos sociais, os coletivos, as associações e as ONGs nos reforçam a noção de como a agroecologia pode ser uma força de atração desses movimentos que estão adeptos a incorporarem o tema como pauta em suas reivindicações.

Há no Brasil experiências que ilustram a inserção da agroecologia em políticas de desenvolvimento rural pelo governo federal, é dada na linha de crédito Pronaf Agroecologia (Programa Nacional de Crédito para a Agricultura Familiar), da Política Nacional de

Assistência Técnica e Extensão Rural (PNATER) e da criação da Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (PNAPO) (NORDER *et al.*, 2016, p. 9). Essas políticas públicas, portanto, viabilizam os (as) agricultores (ras) se inserirem aos programas públicos de acesso à agricultura alternativa, neste caso, a agricultura agroecológica.

Ao investigar sobre essas políticas públicas, encontramos em uma publicação da ANA sobre os “Municípios Agroecológicos e Políticas de Futuro - Iniciativas Municipais de apoio à Agricultura Familiar e à Agroecologia e de Promoção da Segurança Alimentar e Nutricional”, nesta publicação encontra-se o resultado de um levantamento realizado pela mesma em 531 municípios brasileiros no ano de 2020. Encontramos, nesta publicação, mais de 700 iniciativas municipais que apoiam, direta ou indiretamente, a agroecologia em suas localidades, entre elas: políticas públicas, ações, programas, leis, portarias e instruções normativas, essas iniciativas versam sobre 41 temas e envolvem 531 municípios em 26 estados (ANA, 2021, p. 9).

A implementação de políticas garantidoras de direitos humanos, sociais e políticos é um dever do Estado em suas diferentes esferas (ANA, 2021, p. 36). A comunidade acadêmica vem fazendo um papel muito importante quanto a divulgação desses saberes e práticas agroecológicas a fim de fortalecer e valorizar os saberes das comunidades e dos povos tradicionais, mas são por meio das políticas públicas que possibilitam com que os atores sociais (agricultores (ras) rurais e urbanos (as)) possam desfrutar da ciência e da prática agroecológica em seus cultivos.

Para ampliar essa coletividade, uma das formas encontrada no intuito de dar visibilidade aos trabalhos agroecológicos, foi o uso das redes sociais (*Facebook e Instagram*). Essas redes são plataformas que possibilitam muitos desses coletivos compartilharem suas vivências com os demais grupos que possuem o mesmo interesse no tema. Lembrando que não são todas as pessoas que possuem acesso à internet e aparelhos conectados a essas redes sociais, o que não descarta a importância do cuidado e aparato com as comunidades tradicionais que, por meio da sua cultura, suceder de gerações em gerações, suas práxis e saberes agrícolas para que não se ausentem por completo suas tradições por causa dos novos modos de práticas agrícolas adotados no país.

A organização em rede é o exercício da própria vida, aplicado também na organização dos que lutam por esta nova forma de perceber e exercer a vida, ligados entre si da mesma forma como tudo na natureza está ligado. Tudo é uma grande rede, assim como o nosso corpo é uma rede de órgãos e funções. A articulação em rede é uma forma de organização que pode se conectar

planetariamente, ultrapassando o limite das instituições e inclusive a divisa dos Estados nacionais (ARL, 2008, p. 166).

Dando continuidade ao presente trabalho, no próximo capítulo será abordado o atual modo de articulação entre as comunidades agrícolas que enxergaram nas redes sociais digitais um meio de promover a agroecologia, semeando seus conhecimentos, divulgando seus trabalhos e ações e narrando suas práticas.

CAPÍTULO II – UM DEBATE SOBRE AS REDES SOCIAIS DIGITAIS

Para este segundo capítulo optamos por trazer questões sobre o que é Rede e alguns de seus conceitos apresentados até então, junto a questão da *Internet* que nos últimos anos vem sendo ampliada cada vez mais com as redes de comunicação sem fio. Baseado nisso,

procuramos neste capítulo abordar as relações que esses meios de comunicação podem mover nas redes sociais sensibilizando grupos de movimentos sociais que procuram usufruir da mesma.

Castells (2013) argumenta que, nos últimos anos, a comunicação em ampla escala tem passado por profundas transformações tecnológicas e organizacionais e que há emergência da “autocomunicação de massa”, termo que ele mesmo denomina, ou seja, as redes horizontais de comunicação são multidirecionais, interativa, sendo a Internet a principal plataforma de comunicação (CASTELLS, 2013, p. 128).

Este capítulo está organizado em quatro seções para que possam ser feitas as análises sobre as múltiplas dimensões que o conceito rede carrega em si e seus importantes desdobramentos durante a história do mundo. Na primeira seção será discutido sobre o conceito da rede nos meios acadêmicos. Na segunda seção o foco será nas discussões sobre as redes sociais e a rede social digital, além de abordar o ciberespaço. Na nossa terceira seção, a proposta é abordar como a mudança da forma de comunicação também apresenta efeitos nas esferas dos movimentos sociais na era das redes sociais digitais. E, por último, serão tratadas as redes sociais digitais do *Facebook e Instagram*.

Serão apresentados alguns conceitos trabalhados pelos (as) cientistas e pesquisadores/as a respeito sobre o que é a Rede e de como os movimentos sociais podem propagar sob elas. Em busca de um entendimento mais acurado sobre o assunto, a base teórica fundamentará nas obras de alguns autores, como, por exemplo, Milton Santos (1996), Manuel Castells (1999, 2003, 2013), Pierre Lévy (1999), entre outros.

3.1. A rede

Para entender o que é rede, iniciamos com a leitura na obra de Milton Santos em “A natureza do espaço”. No Capítulo II “Por uma Geografia das Redes”, Santos (1996) nos traz uma reflexão sobre as múltiplas dimensões que podem existir ao abordarmos conceitos sobre rede. Interessado em trabalhar o conceito sob ótica geográfica, o referido autor introduz em seu capítulo o que ele considera como as duas grandes matrizes para a definição e conceituação de rede: por meio do seu aspecto, a sua realidade material e outra, são os dados sociais que também são levados em conta.

Ao citar N. Curien *apud* Santos (1996) retrata que a rede material são infraestruturas que permitem o transporte de matéria, de energia ou de informação, e que se inscreve sobre

um território, caracterizados pela topologia dos seus pontos de acesso ou pontos terminais, seus arcos de transmissão, seus nós de bifurcação ou de comunicação. Mas a rede é também social e política, pelas pessoas, mensagens, valores que a frequentam, a rede na verdade é uma mera abstração (SANTOS, 1996, p. 176).

Portanto, o estudo que a rede abarca "não é a ocupação de áreas, mas a preocupação de ativar pontos e linhas, ou de criar novos" (Durand, Lévy, Retaillé, 1992, p. 21 *apud* Santos, 1996, p. 177). Consideram, então, os autores que as redes abarcam estímulos de produção nas formas materiais e imateriais.

Referindo-se à noção geográfica e atentando ao dicionário da Geografia de P. George, são percebidos três sentidos para as redes que Santos (1996) nos apresenta que segundo H. Barkis:

- a) Polarização de pontos de atração e difusão, que é o caso das redes urbanas;
- b) projeção abstrata, que é o caso dos meridianos e paralelos na cartografia do globo;
- c) projeção concreta de linhas de relações e ligações que é o caso das redes hidrográficas, das redes técnicas territoriais e, também, das redes de telecomunicações hertzianas, apesar da ausência de linhas e com uma estrutura física limitada aos nós. (SANTOS, 1996, p. 177)

Diante das complexidades da rede, o autor aborda noções da importância das redes no contexto do meio técnico-científico informacional. Tais redes são os mais eficazes transmissores do processo de globalização a que assistimos (SANTOS, 1996, p. 179), as redes então se tornam absolutas. Sendo a circulação e os fluxos fatores importantes, Santos retoma a importância da fluidez nas redes técnicas:

Uma das características do mundo atual é a exigência de fluidez para a circulação de ideias, mensagens, produtos ou dinheiro, interessando aos atores hegemônicos. A fluidez contemporânea é baseada nas redes técnicas, que são um dos suportes da competitividade. Daí a busca voraz de ainda mais fluidez, levando à procura de novas técnicas ainda mais eficazes. A fluidez é, ao mesmo tempo, uma causa, uma condição e um resultado (SANTOS, 1996, p. 185)

As redes, portanto, são tanto globais, quanto locais. Elas são um veículo de um movimento dialético que, de uma parte, ao mundo opõe o território e o lugar; e, de outra parte, confronta o lugar ao território tomado como um todo (SANTOS, 1996, p. 182). A existência das redes é inseparável da questão do poder (SANTOS, 1996, p. 183), por exemplo, na atual divisão territorial do trabalho, atores privilegiados podem superar obstáculos físicos e integrarem-se em diferentes espaços.

Segundo Santos (1996, p. 180), não existe homogeneidade do espaço como também não existe homogeneidade das redes e esta é uma das razões que há uma superposição de redes. Estas, por sua vez, prevalecem sobre a produção e determinam os importantes fluxos diante de cada situação. As atividades apontadas nos fazem refletir sobre a circulação desses fluxos e suas mudanças espaciais posteriormente em forma de rede.

“A sociedade em rede” é analisada por Castells (1999) atentando-nos aos acontecimentos históricos, que segundo o autor, transformaram o cenário social da vida humana com a nova forma de organização em torno da tecnologia da informação. Uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias de informação começou a remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado (CASTELLS, 1999, p. 39). Essas transformações, portanto, estendem sua capacidade devido a interfaces tecnológicas que permitem que uma informação seja gerada, processada, armazenada e etc.

Nesta obra, Castells (1999, p. 566) argumenta que a rede é um conjunto de nós interconectados que se expandem podendo formar novos nós, por meio de códigos de comunicação possibilitados pela tecnologia da informação, em uma velocidade muito rápida. Assim, o autor atenta para o perfil que esses fluxos configuram os processos e funções predominantes em nossa sociedade.

Redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetos de desempenho). Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio (CASTELLS, 1999, p. 566)

Castells (1999) nos mostra que a rede é de grande importância para seus instrumentos de apropriação apoiados na inovação, globalização e concentração descentralizada. As conexões que ligam as redes (por exemplo, fluxos financeiros assumindo o controle de impérios da mídia que influenciam os processos políticos) representam os instrumentos privilegiados do poder (CASTELLS, 1999, p. 566-567). Dessa forma, a internet pode ser vista pelos usuários como uma forma de assumir o controle da tecnologia devido ao seu vasto sistema de comunicação.

Diante do cenário da rede, Castells (1999) aponta o nascimento da Internet durante um conflito militar (estratégia de guerra), ela originou-se e difundiu-se em um período histórico da reestruturação global do capitalismo, para o qual foi ferramenta básica (CASTELLS, 1999, p. 50). A criação e o desenvolvimento da internet nas três últimas

décadas do século XX foram consequência de uma fusão singular de estratégia militar, grande cooperação científica, iniciativa tecnológica e inovação contracultural (CASTELLS, 1999, p. 82). Criar um sistema de comunicação invulnerável aos ataques nucleares foi um grande passo para que os cientistas estadunidenses mudassem a história da tecnologia. Em busca de uma rede independente de centros de comando de controle, ou seja, buscava-se um meio de comunicação mais direta nas suas próprias rotas ao longo da rede. O autor nos explica que a tecnologia digital permitiu a união de diversos tipos de mensagens criando então uma rede capaz de comunicar seus nós sem usar centros de controles. A contracultura, segundo o autor, se deu ao fato dos cientistas pensarem no acesso do público às redes de computadores, sendo a criação dos *modems* uma forma de viabilizar os meios tecnológicos para as pessoas que tinham um conhecimento técnico para acessá-lo e também um computador, onde ao citar Howard Rheingol chama de “comunidades digitais”. O *modem*, elemento importante do sistema, foi uma das descobertas tecnológicas que surgiu dos pioneiros dessa contracultura, originalmente batizada de “the hackers”, antes da conotação maligna que o termo veio a assumir (CASTELLS, 1999, p. 86).

Em sua outra obra, "A galáxia da internet", Castells (2003) aborda sobre a história da Internet, na qual o autor faz um panorama sobre a origem da Internet desde a sua criação na Advanced Research Projects Agency (ARPA) pelo Departamento de Defesa dos EUA, que tinha como missão estimular a pesquisa em computação interativa com a finalidade de alcançar a superioridade tecnológica militar em relação à União Soviética, na esteira do lançamento do primeiro Sputnik em 1957. A Arpanet, até então um pequeno programa de departamento, foi justificada como uma maneira de permitir aos vários centros de computadores e grupos de pesquisa que trabalhavam para a agência, compartilhar on-line tempo de computação (CASTELLS, 2003, p. 12), após o seu sucesso, o autor aponta o desejo dos pesquisadores em tornar a comunicação através do computador acessível aos diferentes rumos das forças armadas mediante as conexões das redes e a Arpanet se tornou a ARPA-INTERNET. Diante aos desdobramentos políticos do Departamento de Defesa dos EUA sobre a privatização da Internet, a fim de comercializar a tecnologia da Internet, Castells relata sobre a expansão desse novo tipo de comunicação.

No início da década de 1990 muitos provedores de serviços da Internet montaram suas próprias redes e estabeleceram suas próprias portas de comunicação em bases comerciais. A partir de então, a Internet cresceu rapidamente como uma rede global de redes de computadores. O que tornou isso possível foi o projeto original da Arpanet, baseado numa arquitetura em

múltiplas camadas, descentralizada, e protocolos de comunicação abertos. Nessas condições a Net pôde se expandir pela adição de novos nós e a reconfiguração infinita da rede para acomodar necessidades de comunicação (CASTELLS, 2013, p. 14).

A necessidade de comunicação apresentada no texto de Castells (2013) nos traz uma reflexão sobre a importância da pesquisa entre os cientistas que, por meio dos centros universitários, puderam desenvolver e criar mecanismos para que hoje possamos acessar a Internet. O autor afirma que a Internet nasceu da improvável interseção da *big science*, da pesquisa militar e da cultura libertária (CASTELLS, 2013, p.17). Segundo o autor, coincidiu o período da Guerra Fria, ou seja, era um contexto para o país investir em ciência e tecnologia de ponta com o objetivo de desenvolver a interconexão de computadores, sendo assim, a internet é fruto do desenvolvimento tecnológico das instituições governamentais e também de importantes universidades e centros de pesquisa do país. Foi na zona ambígua dos espaços ricos em recursos e relativamente livres criados pela ARPA, as universidades, centros de estudos inovadores e grandes centros de pesquisa que os primeiros resultados da Internet foram sendo consolidados (CASTELLS, 2013, p. 21).

3.2. Redes Sociais

Para abordar sobre as redes sociais é preciso entender sobre a formação dessas redes. As redes sociais constituem uma das estratégias subjacentes utilizadas pela sociedade para o compartilhamento da informação e do conhecimento, mediante as relações entre atores que as integram (TOMAÉL; ALCARÁ; DI CHIARA, 2005, p. 93). Construídas pelas pessoas que estão inseridas na sociedade, as autoras refletem sobre nossas primeiras possíveis redes sociais serem no âmbito familiar, na escola, na comunidade em que vivem e no trabalho. A própria natureza humana nos liga a outras pessoas e estrutura a sociedade em rede. Nas redes sociais, cada indivíduo tem sua função e identidade cultural (TOMAÉL; ALCARÁ; DI CHIARA, 2005, p. 93).

As redes sociais são estruturas dinâmicas e complexas formadas por pessoas com valores e/ou objetivos em comum, interligadas de forma horizontal e predominantemente descentralizada (SOUZA; QUANDT, 2008, p. 32). Essas características podem ser analisadas pelos cientistas sociais no decorrer da troca intensiva de informação e conhecimento entre as pessoas. Todavia, os autores nos mostram uma visão sobre as redes sociais fora dos ambientes digitais e trazem como exemplos outros conceitos gerais sobre redes sociais:

- Redes sociais podem assumir diferentes formatos e níveis de formalidade no decorrer do tempo.
- Redes sociais podem surgir em torno de objetivos diversos; políticos, econômicos, culturais, informacionais, entre outros. Redes de origem cultural, por exemplo, tendem a ser mais coesas que redes de origem econômica, as quais podem envolver grandes distâncias geográficas.
- Redes sociais informais são baseadas em alto fluxo de comunicação e inexistência de contratos formais reguladores do resultado das interações. Atualmente, muitas redes sociais deste tipo se encontram fortemente baseadas em suportes eletrônicos (tecnologia da informação). Os processos de decisão em redes sociais informais são predominantemente negociais, democráticos e participativos (SOUZA; QUANDT, 2008, p. 32)

Como foi tratado no tópico anterior, a existência de diferentes conceitos sobre redes, podemos aqui também entender que essa rede observada na esfera social, encontra seus conceitos a respeito da temporalidade, objetividade e conectividade. A pesquisadora de comunicação, Regina Marteleto, publicou em seu artigo a respeito das redes sociais analisadas a partir de um estudo do fluxo e transferência de informação junto aos movimentos sociais, nesta obra, a autora nos diz que o trabalho pessoal em redes de conexões é tão antigo quanto a história da humanidade (MARTELETO, 2001, p. 72), sendo então compreendido as questões das redes sociais possuírem características de informação e conectividade além da Internet.

As redes sociais digitais, por sua vez, são as possibilidades de expressão e socialização através das ferramentas de comunicação mediadas por um computador (RECUERO, 2009, p. 24). Em seu livro “Redes sociais na Internet” a autora Raquel Recuero apresenta sua pesquisa enfatizando a relevância de estudar os fenômenos dessas redes sociais digitais que vem sendo objeto de estudo a partir do conceito de rede durante o século XX. R. Recuero (2009) ao citar Wasserman e Faust (1994); Degenne e Forse (1999), define uma rede social como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais), essa abordagem de rede foca em uma estrutura social não sendo possível de isolar os atores sociais e nem suas conexões (RECUERO, 2009, p. 24). Partindo dessas conexões estabelecidas entre os diversos atores. Segundo a autora:

O estudo das redes sociais na Internet, assim, foca o problema de como as estruturas sociais surgem, de que tipo são, como são compostas através da comunicação mediada pelo computador e como essas interações mediadas são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas (RECUERO, 2009, p. 24)

Observa-se que o termo “redes sociais” cobre uma vasta existência partindo dos seus interesses comuns, este vínculo entre a rede social juntamente com as estruturas de conexões oferecidas pelas ferramentas digitais atuais, nos dão a possibilidade de participar das redes *online*, no instante que permitem a transposição contínua das barreiras entre o “mundo físico” e o “mundo *online*”, em um grau de complementaridade entre as interações nas redes sociais digitais e aquelas desenvolvidas *offline* (MARTINO, 2014, p. 58). Porém, essas interações sociais constituídas em laços sociais no meio *online*, por sua vez, permanecerão no ciberespaço.

3.3.O Facebook e o Instagram

Criado pelos ex-alunos de Harvard (EUA) Mark Zuckerberg, Dustin Moskovit, Eduardo Saverin e Cris Hughes, o *Facebook* surgiu em 2004 com o nome de *The Facebook* (GUEDES, 2013, p. 73). Atualmente o Facebook possui 2,7 bilhões de usuários, segundo o *Google*, e com esse marco de usuários, a plataforma é um dos maiores sistemas do mundo. O Brasil é o segundo país com maior número de usuários dessa rede social, no entanto, ocupa o sexto lugar no ranking dos que mais acessam o *Facebook* por meio de *smartphones*, *tablets* e outros dispositivos móveis (GUEDES, 2013, p. 74). O que configura a vasta mobilidade desses aparelhos com acesso à *internet* móvel, possibilitando seus usuários a acessá-los com mais comodidade e sem o regimento de um lugar fixo para essas trocas de informações (por exemplo, não se necessita mais, neste caso, de um computador fixo a um cabo de *internet* para que seja possível navegar nessas redes digitais).

O *Facebook* funciona por meio de perfis e comunidades. O objetivo inicial dele era criar uma rede de contatos entre os jovens universitários de Harvard (EUA) e, posteriormente, foi aberto para outras universidades (RECUERO, 2009, p. 172). No entanto, esse sistema se popularizou em outras esferas além das universidades e cada vez mais tem ampliado o público que buscam nessas redes sociais, uma forma de compartilhar seus estilos de vida. Focadas no relacionamento entre as pessoas, a rede social do *Facebook* permite que seus usuários façam compartilhamento de informações (imagens, textos, vídeos e etc.), por meio das ferramentas disponibilizadas em sua plataforma, em curtos espaços de tempo.

Recuero (2014) aborda sobre a conversação em rede, pois, segundo a autora, essas conexões se tornam canais permanente de informação entre os atores, pois cada um que acrescenta outro a sua rede passa a ter acesso a tudo aquilo que o “amigo” publica na rede

(RECUERO, 2014, p. 116). Sendo assim, os usuários desta rede detêm ali, falas e interpretações que são reproduzidas facilmente por outros atores no ciberespaço, trançando um vínculo constante entre eles.

O mais usado pelos jovens atualmente é a rede social digital *Instagram*, cujo alcance atinge sua marca de 1 bilhão de usuários no mundo, ficando apenas atrás do *Facebook* (G1, 2020). O aplicativo disponível para dispositivos móveis tem como finalidade o compartilhamento de fotos e vídeos em sua plataforma. Essa rede social foi desenvolvida pelos engenheiros de programação Kevin Systrom e o brasileiro Mike Krieger, surgiu em 2010, com o objetivo de resgatar a nostalgia do instantâneo das Polaroids e semelhantes, com a sua função mais atrativa: a fotografia (PIZA, 2012, p. 7).

No *Instagram*, semelhante ao que acontece no *Twitter* e no *Facebook*, o usuário pode marcar suas fotos com *hashtags*, palavras-chave antecedidas pelo caractere “#” e que se relacionam a alguma temática ou informação relevante (OLIVEIRA, 2014, p. 6). Esta aproximação de usuários nos traz a um ponto importante desta pesquisa, pois a *internet*, como um espaço em rede, viabiliza essas conexões e trocas de informações para possíveis debates, na proporção que ela o toma através dessas “#” e de palavras-chave. O *aplicativo* foi *a priori* desenvolvido para dispositivos que possuíam a plataforma iOS, uma semana após o *Instagram* ter aberto sua disponibilidade para aparelhos com *Android*, o *Facebook*, anunciou a compra da empresa desenvolvedora do aplicativo (OLIVEIRA, 2014, p. 5). Isso mostra a tamanha proporcionalidade que o APP ganhou. Mas o *Instagram* não parou por aí, a cada ano tem criado funções a fim de criar mais interações entre seus usuários, como acontece com todos os aplicativos.

- Em 2013, o *Instagram* ganhou a opção de marcar outros perfis em imagens, incluiu a possibilidade de compartilhar vídeos e criou o *Direct*, para as pessoas conversarem entre si de forma privada.
- Em 2016, uma mudança no *feed* do aplicativo desagradou muitos usuários: as fotos não eram mais exibidas em ordem cronológica e a seleção do conteúdo passou a ser feita com base em um algoritmo – como já acontecia no *Facebook*.
- No mesmo ano, *Instagram* lançou os *Stories*.
- Em 2018, o aplicativo apresentou o *IGTV*, plataforma para usuários compartilharem vídeos maiores, de até 60 minutos.
- Em 2020, o *Instagram* anunciou o *Reels*,
- Recentemente, o *Facebook* decidiu integrar as mensagens do *Instagram* e *Messenger* (G1, 2020).

No entanto, essas duas plataformas têm como objetivos principais a interação de seus usuários junto ao compartilhamento de informações dos mesmos, elas se adaptam as necessidades desses perfis e também criam suas próprias necessidades. Nosso foco, neste trabalho, é entender as

possibilidades alcançadas pelos perfis que abordam a agroecologia e seus temas nessas redes sociais digitais.

3.4 . Ciberespaço

A palavra ciberespaço foi usada em um romance de ficção científica (*Neuromancer*) de William Gibson, em 1984, no qual o escritor faz uma obra que se torna a metáfora perfeita dessa subjetivação informacional trazida pelo povoamento da Internet por meio dos grupos de discussão (MALINI; ANTOUN, 2013, p. 19). Essa definição inicial, no entanto, guarda alguma semelhança com o conceito desenvolvido por Lévy (1999). Atentamos aqui para uma breve explicação sobre o ciberespaço.

O filósofo e sociólogo Pierre Lévy define ciberespaço como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 1999, p. 92). Esses ambientes digitais, segundo o autor, inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos que, através deles, são transmitidas informações de fontes digitais, ou seja, interconexão digital entre computadores ligados em rede. Para Lévy (1999) a codificação digital condiciona o caráter plástico, fluido, calculável com precisão e tratável em tempo real, hipertextual, interativo e, resumindo, digital da informação que é o ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 92-93). Desta forma, segundo o autor, há possibilidade desses meios armazenarem informações, gravações, comunicações e simulações geradas em seus dispositivos ciberespaço, logo ele é de constante movimento, um fluxo constante. A perspectiva da digitalização das informações permite que o ciberespaço seja o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade (LÉVY, 1999, p. 93). Sendo assim, a digitalização é uma condição importante para a existência no ciberespaço, tornando-os espaços digitais.

Partindo dessa perspectiva e observando a crescente comunicação mediada por parte dos eletrônicos (computadores, *smartphones*, *tablets* e etc), o ciberespaço seria a relação entre os nós formados através desses eletrônicos, que integram os produtos e produtores de redes. De fato, essas redes não são construídas como apropriação de um espaço físico como espaço social, como era predominantemente antigamente, mas sim como pura produção de um espaço social cuja materialidade é a informação e seus modos de transmissão (RAMOS, 2020, p. 117). Esses modos, por sua vez, segundo Ramos (2020) em seu capítulo “Internet como espaço social” nos mostra que o ciberespaço é um espaço não só digital, mas que também é feito de informações.

Ainda que a informação esteja presa à rede como um todo, ela está em mais de um lugar físico da rede (por meio de mecanismos de redundância), de modo que servidores e seus terminais (que são os PCs, notebooks, smartphones etc.) são intercambiáveis e substituíveis sem que a rede formada pela circulação de informações seja colocada em xeque. Assim, temos uma continuidade inscrita na história de produção de espaços sociais por meio de redes, mas, de outro, uma descontinuidade devida ao fato de que o espaço construído por essa rede de computadores é todo feito de informações (RAMOS, 2020, p. 117-118).

Os conhecimentos postos no ciberespaço podem levar a dissipação da informação entre os indivíduos ali expostos. As comunidades do ciberespaço constituem-se na troca constante de conhecimentos que circulam, são modificados, reconstruídos, aumentados e editados de acordo com as demandas específicas de uma determinada situação (MARTINO, 2014 p. 31). Então com esse espaço, os usuários possuem uma potência de transformar e usar os dados quando necessário, dessa maneira, vale ressaltar que as informações apresentadas por elas não possuem um caráter absoluto/real, mas sim, de saberes potencialmente à disposição de quem precisa se servir deles, ou seja, a informação não é perfeita e sim cheia de intencionalidades.

3.5. Os movimentos sociais nas redes sociais

Castells em sua obra “Redes de Indignação e Esperança. Movimentos sociais na era da internet”, em 2013, aborda os fatores importantes para entender a dinamicidade que as tecnologias favoreceram a essas redes para a prática da comunicação entre as comunidades, que tendem ali se expandirem. O referido autor se atenta para o desafio da interação do espaço dos fluxos na internet e nas redes de comunicação sem fio com o espaço dos lugares ocupados fisicamente, pois segundo ele, garante a autonomia de se organizar no espaço. O espaço da autonomia é a nova forma espacial dos movimentos sociais em rede (CASTELLS, 2013, p. 130).

Os movimentos sociais que se situam nas redes sociais, por sua vez, encontram nesses “espaços da autonomia” meios para se fortalecerem, mantendo os debates em questão, convocando participações conjuntas entre espaços podendo ser eles locais ou globais. Sendo assim, afirma Castells que a internet, com todas as tecnologias, encarna a cultura material, é uma plataforma privilegiada para a construção social da autonomia (CASTELLS, 2013, p. 134). Mas ao mesmo tempo, porém, é importante enfatizar que, ao longo da história, a

formação e a prática dos movimentos sociais se conectavam a outros modos (carta, telefone, etc) e que as redes de comunicação digital hoje podem ser um meio para somar como um potente espaço de exposição.

Baseado no nosso entendimento até aqui sobre redes, não podemos deixar de comentar neste trabalho que as informações que perpassam por meio das redes sociais digitais podem formar aproximações aos usuários que as utilizam. Posto isso, os movimentos sociais que procuram mobilizar e unificar grupos, já existiam antes da criação do meio de comunicação digital, no espaço urbano, por exemplo. No entanto, pudemos notar que a Internet deu um sentido mais amplo a esses grupos.

Há mais ou menos dez anos, as redes sociais digitais começaram a se tornar armas eficazes na mobilização de pessoas. Hoje, mais que nunca, os grupos agem nas redes sem medo de censura ou repressão. Se fortalecem e lutam por seus ideais, incentivando a participação de pessoas com os mesmos anseios e desejos em comum. Por este motivo, a Internet se torna um meio de comunicação cada vez mais popular. Movimentos sociais dentro das redes sociais necessitam de presença de líderes, que podem se formar fora dos ambientes online, mas precisam estar presentes no meio virtual para propagar a causa. Esta estrutura pode proporcionar mais facilidade e agilidade nas transformações desejadas (GUEDES, 2013, p. 29).

Conforme a autora, as organizações presentes nestas redes muitas das vezes assumem motivos e causas, sejam eles culturais, éticos ou sociais e quando unem-se ao redor desses objetivos podem atingir o sucesso desses objetivos. As redes sociais, portanto, vêm a ser uma rede organizacional importante para essas comunidades, desde que tenham acesso à Internet.

Capítulo III

UM PANORAMA DOS GRUPOS DA AGROECOLOGIA NAS REDES SOCIAIS

Neste último capítulo tem-se a metodologia de pesquisa deste trabalho que propõe identificar os grupos, sejam eles de origem de movimentos sociais, coletivos formados no meio acadêmico ou então de alguma outra forma de organização da sociedade civil nos quais se identificam na questão do ser/saber da Agroecologia. Um conjunto cada vez maior de

pessoas e suas organizações vêm construindo uma resistência acadêmica e popular contra o movimento autoritário e hegemônico do agronegócio (SOUZA, 2019, p. 18). Devido ao momento atual de pandemia do novo *Corona Virus Disease* de 2019 (COVID-19), para esta pesquisa, optou-se pela realização da pesquisa sobre os grupos relacionados à Agroecologia e que reportam suas experiências e práxis no espaço das redes sociais *Facebook* e *Instagram*. Portanto, com esta pesquisa recorre-se a *internet* no intuito de investigar e apresentar questionamentos e reflexões sobre a temática da Agroecologia levantando a seguinte questão: Quais são as características desses grupos que divulgam a Agroecologia para a promoção de um ser/estar melhor?

O capítulo está organizado em quatro seções com o intuito de realizar uma análise sobre o trabalho proposto. A primeira seção traz a metodologia da nossa pesquisa, o passo a passo dos procedimentos e os recursos utilizados. Na segunda seção, tem-se uma caracterização dos grupos coletados e identificados, considerando a tipologia apresentada (grupos de organizações coletivas ou entidades públicas) e o estado da federação em que estão localizados, com o uso de mapas e gráficos dos grupos coletivos das redes sociais *Facebook* e *Instagram*. Por fim, realizou-se um panorama detalhado de 07 grupos que responderam o formulário enviado para uma pesquisa em profundidade.

4.1. Metodologia da pesquisa

A metodologia desta pesquisa se inicia com levantamento teórico/bibliográfico que consistiu em promover reflexões sobre temas relevantes que abordam nossa área de estudo como: agroecologia, agriculturas alternativas, segurança alimentar, redes e o meio técnico científico informacional, redes sociais, redes sociais digitais do *Facebook* e do *Instagram*, ciberespaço e os movimentos sociais.

A pesquisa qualitativa tem seu valor nos trabalhos acadêmicos, pois possibilita o reconhecimento da existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito da pesquisa e de uma interdependência viva entre sujeito e objeto, contribuindo assim para uma postura interpretativa da pesquisa (RAMIRES; PESSÔA, 2013, p. 25). Faz-se essencial o uso de técnicas qualitativas, neste trabalho, pois é por meio dela que o levantamento de informações essenciais para a descrição, mensuração e interpretação dos conceitos apresentados neste trabalho foram obtidos. É de suma importância a reflexão da Ciência sobre

as ações que podem desencadear o impacto e as motivações sociais, políticas e econômicas por meio desta metodologia.

O método qualitativo permite a análise conceitual da Agroecologia, das redes e dos movimentos sociais presentes neste trabalho. As técnicas quantitativas nos fornecem valores de referência para a classificação/análise dos grupos presentes na pesquisa. Essas técnicas visam garantir a precisão dos resultados, evitar distorções de análise e de interpretação e aumentar a margem de segurança de nossos resultados (RESENDE; ROSOLEN, 2013, p. 480).

A coleta e a sistematização dos dados levantados nas redes sociais *Facebook* e *Instagram*, foram feitas no mês de julho do ano de 2020 nas datas 02/07/2020 a 09/07/2020 com o uso de um computador pessoal. Durante uma semana do mês de setembro do ano de 2020, foi feita uma busca, na barra de pesquisa nessas redes sociais, utilizando a palavra-chave “AGROECOLOGIA”. O intuito da pesquisa era de rastrear/encontrar dos mais variados movimentos coletivos que abordassem o tema como um assunto em comum em seus perfis eletrônicos, visto que, foi feita uma observação para afirmar que nos perfis visitados houvesse características de que lhes apontavam como um perfil que se preocupa em praticar e divulgar suas experiências agroecológicas nas redes sociais digitais.

Na primeira semana de busca foram encontrados no total de 176 perfis dessa natureza, entre eles os mais variados grupos encontrados foram: coletivos, cooperativas, associações, governamentais (Prefeituras), Universidades, ONGS e feiras. Essa primeira sistematização focava em encontrar esses grupos em escala nacional, no entanto, os resultados apresentaram uma concentração nos estados localizados na região sudeste do país.

Todavia, há uma questão neste trabalho que deve ser considerada, como o aparelho utilizado para realizar a pesquisa dos grupos nas redes sociais está localizado no município do Rio de Janeiro, a ocorrência de concentração de coletivos localizados nesta região ficou bem evidente. A fim de encontrar grupos também em outros territórios nacionais, foi preciso adicionar na barra de pesquisa do *Facebook* e também do *Instagram* a sigla de cada estado brasileiro na tentativa de ampliar a busca nesses locais.

Diante da situação de pandemia, devido ao novo *Corona Virus Disease* de 2019 (COVID-19), foi construído um questionário na plataforma do Formulário Google, plataforma online cuja esta permite coletar e organizar informações em pequena ou grande quantidade. Foi desenvolvido um formulário com 12 perguntas relativas aos perfis e as redes sociais *Facebook* e *Instagram*, com o objetivo de compreender as interfaces dessas redes digitais se

conectavam com seus usuários. O intuito do formulário era de obter um levantamento detalhado dos grupos, caracterizá-lo quanto ao perfil de localização e suas ações nas redes *Facebook* e *Instagram* ligadas à temática da Agroecologia (apêndice).

O formulário *online* foi enviado para 20 perfis, escolhidos aleatoriamente, com o propósito de serem respondidos para obter as informações e analisá-las à luz do referencial teórico. Essas informações foram sistematizadas em formas de mapas e gráficos.

Para a elaboração dos mapas feitos para essa pesquisa foi utilizado o *software* QGIS com *shapes* baixados do site do IBGE e com os dados primários coletados no formulário Google. Com essas informações coletadas, as tabelas foram construídas para que fossem compreendidas pelo sistema do *software*, e assim, pudéssemos ter uma representação espacial, junto as outras formas de representações de figura e cores no mapa.

A análise dos dados primários e secundários à luz do referencial teórico é importante para a pesquisa, pois através deles podem-se entender os atores, as estratégias e o local de origem. Em conjunto, trabalhou-se com dados econômicos e populacionais de Censos produzidos pelo IBGE, dados da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) e outros utilizados na elaboração de quadros e tabelas. Sob a estrutura dos SIGs (ferramentas aliadas no estudo de fenômenos que se processam no espaço geográfico), a utilização dos SIGs foi importante para analisar os fenômenos socioespaciais e uma ampla interpretação dos resultados alcançados. A seguir, há uma apresentação sobre os perfis dos grupos coletados e identificados através da nossa metodologia descrita.

4.2. Grupos coletados

A fim de obter com mais precisão perfis que abordassem o tema da Agroecologia como questão, foi estimada a palavra “AGROECOLOGIA” como a palavra-chave para nossa pesquisa. Dessa forma, ao acessar o *Facebook* e o *Instagram*, digitou-se a palavra no local da pesquisa dessas redes sociais intuito de encontrá-los.

A coleta dos grupos foi feita em sua maioria das vezes na parte da tarde, durante uma semana, começando na segunda-feira até o domingo. Em média foram registrados 6 perfis por dia no *Facebook*, e no *Instagram* foram registrados uma média de 4 perfis por dia. Todos os grupos encontrados nas redes sociais do *Facebook* e do *Instagram* foram organizados em uma planilha do Excel e classificados em primeiramente em organizações coletivas e entidades

públicas, que se consistia em perfis de associações e cooperativas, perfis de prefeituras e de universidades, respectivamente.

Nesta planilha, foram divididas em colunas: na primeira coluna foi reservado para as datas da coleta, na segunda o nome do perfil encontrado, na terceira uma breve descrição desses perfis, na quarta o endereço digital da página para caso precisasse entrar em contato posteriormente, na quinta a sigla do estado em que o perfil se encontra e, por último, foi destinada aos perfis universitários para identificar as instituições de ensino.

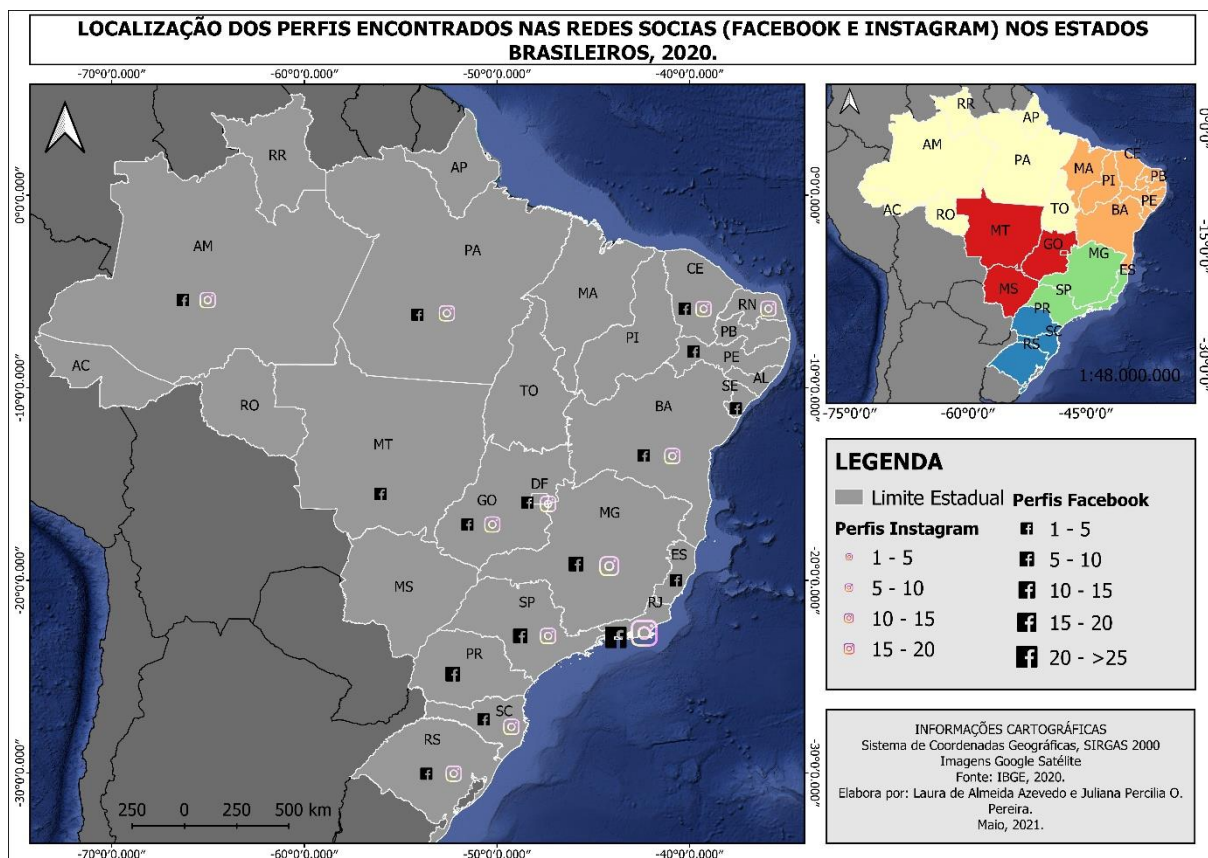
A partir desta planilha com os resultados da coleta de dados, o total de perfis encontrados foram de 98 perfis na rede social *Facebook* e 78 no *Instagram*. Porém, desses foram desconsiderados os perfis que se possuem essas duas redes sociais como plataforma de divulgação da Agroecologia, para não duplicar a quantidade de perfis, foi feita um “pente fino” nos agrupamentos de cada rede social. No total, foram 27 perfis repetidos, ou seja, que foram identificados nas duas redes sociais e o critério de contabilidade foi a rede social que foi detectada primeiro.

A partir desta trincheira foi feito um agrupamento de dados para analisar a concentração de perfis por estado brasileiro de cada rede social, tendo em vista que pelo menos 1 perfil foi encontrado a cada região do país. Desse modo, obtive os dados primários e os resultados.

4.3. Análise dos resultados obtidos

Em apenas uma semana de busca, foi possível notar a presença dos mais vastos perfis coletivos ativos nas redes sociais digitais, que utilizam as plataformas *Facebook* e *Instagram* como uma das suas distintas formas de compartilhar seus saberes agroecológicos e também como forma de promover as práticas agroecológicas às demais pessoas que possam ter acesso à essas plataformas. O mapa 01 nos mostra espacialmente os coletivos encontrados a partir da nossa metodologia descrita em momento anterior.

Mapa 1: Mapa de localização dos perfis encontrados nas redes sociais (*Facebook* e *Instagram*) nos estados brasileiros, 2020.



Fonte: IBGE, 2020.

Considerando que todas as regiões brasileiras (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul) apresentaram pelo menos um perfil ativo que aborda o tema da Agroecologia como caráter, ou seja, além da região sudeste (lugar que o aparelho utilizado para esta pesquisa está localizado, mais precisamente no estado do Rio de Janeiro e com isso, os enfoques de buscas tendem a ser mais próximo a esta região) constatou-se as vastas fronteiras brasileiras que esses perfis das redes sociais digitais perpassam.

O mapa 1 nos mostra a localização de cada perfil coletado nas redes sociais (*Facebook* e *Instagram*) por estado brasileiro, esses perfis em sua grande maioria se destacam na região sul e sudeste do país, pelo menos há uma dessas duas redes sociais em cada estado dessas regiões. No mapa 1 também é possível observar de acordo com a proporção do símbolo das redes sociais, a quantidade de perfis identificados em cada uma, observa-se que os tamanhos dos símbolos também são maiores da região sul e sudeste.

A quantidade de perfis encontrados em cada rede social também é importante de considerar, pois foram encontrados mais perfis no Facebook do que na rede social do *Instagram*. Ao espacializar, constatou-se no mapa 1 que em 11 estados apresentam o *Instagram* como rede social utilizada por esses perfis e 1 no Distrito Federal, e 15 estados

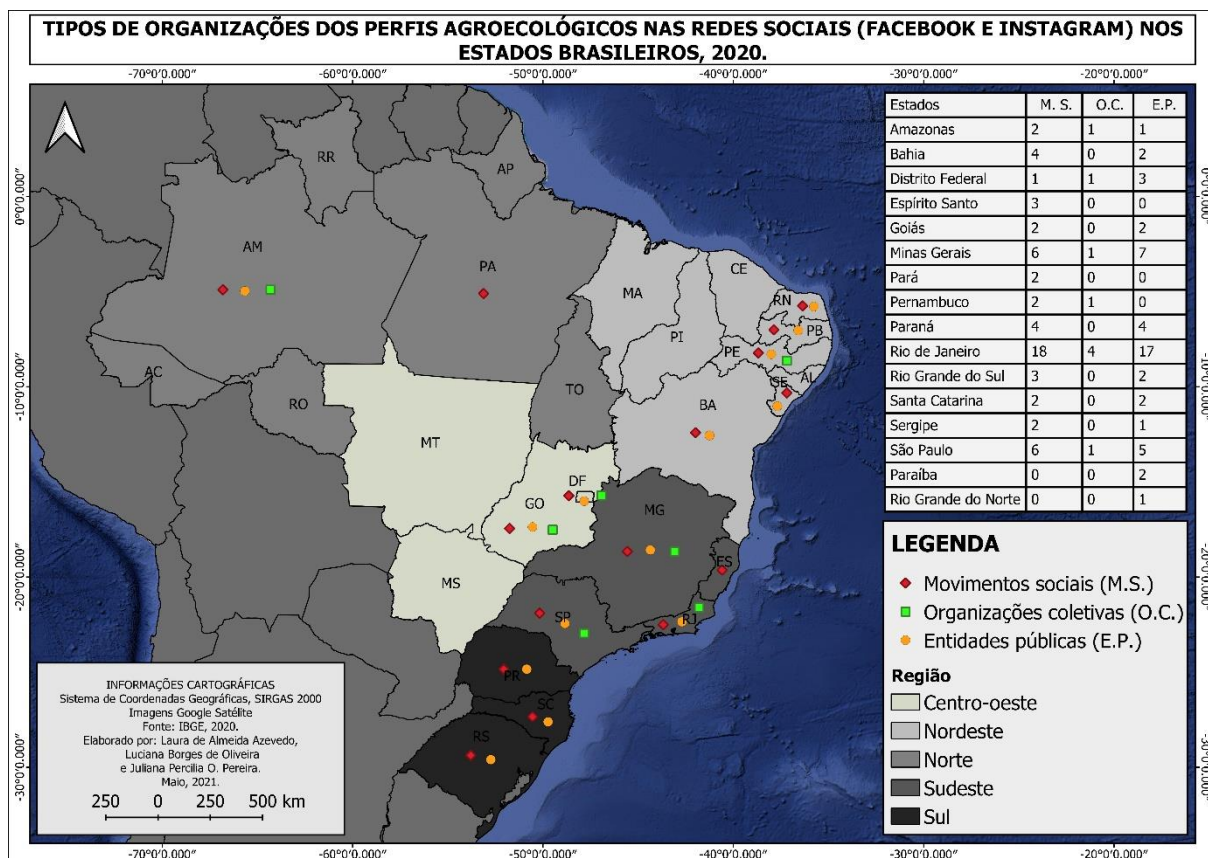
que o *Facebook* se encontra e 1 no Distrito Federal, no entanto, as duas redes sociais estão juntas na presença de 10 estados da federação e também no Distrito Federal.

Segundo a última pesquisa do PNAD em 2018, o uso da Internet vem cada vez mais se expandindo no país, atualmente o Brasil possui 79,1% da população com acesso à Internet. A pesquisa revela também que o crescimento mais acelerado da utilização da Internet nos domicílios é de área rural diminuindo assim, sua diferença em relação às áreas urbanas (PNAD Contínua, 2018).

Com a nossa forma metodológica de pesquisa conseguimos classificar em 7 modalidades de coletivos: a) perfis associações agroecológicas; b) perfis ligados a prefeituras; c) perfis de coletivos universitários; d) perfis de cooperativas agroecológicas; e) perfis de ONGs; f) perfis de feiras agroecológicas; g) perfis de movimentos sociais. Portanto, a fim de uma melhor organização dos dados, foi optado por dividi-los em 3 grandes grupos: organização coletiva (associação e cooperativa), entidades públicas (perfis ligados a prefeituras e coletivos universitário) e movimentos sociais.

Os perfis de coletivos e movimentos sociais foram organizados juntos, tanto o do *Facebook*, quanto o do *Instagram*. No entanto, é possível visualizar a expansão em que a soma dessas duas redes sociais digitais se espacializam enquanto coletivos no Brasil. A medida que os diferentes perfis se destacam por suas características coletivas (movimentos sociais, organizações coletivas e entidade públicas), foi possível de observar no mapa 2 os estados e regiões que apresentam cada tipo de coletivo.

Mapas 2: Tipos de organizações dos perfis agroecológicos nas redes sociais (*Facebook* e *Instagram*) nos estados brasileiros, 2020.



Fonte: IBGE, 2020.

A fim de organizar esses grupos em três características, por meio da nossa espacialização, foi possível visualizar os coletivos e suas especificidades em cada estado brasileiro. Destaca-se aqui a quantidade de perfis de movimentos sociais (M.S) que foram encontrados nas plataformas digitais na qual ocorreu a pesquisa, foram no total 57 perfis de M.S, abrangendo em todas as regiões do Brasil, no total de 15 estado e o Distrito Federal.

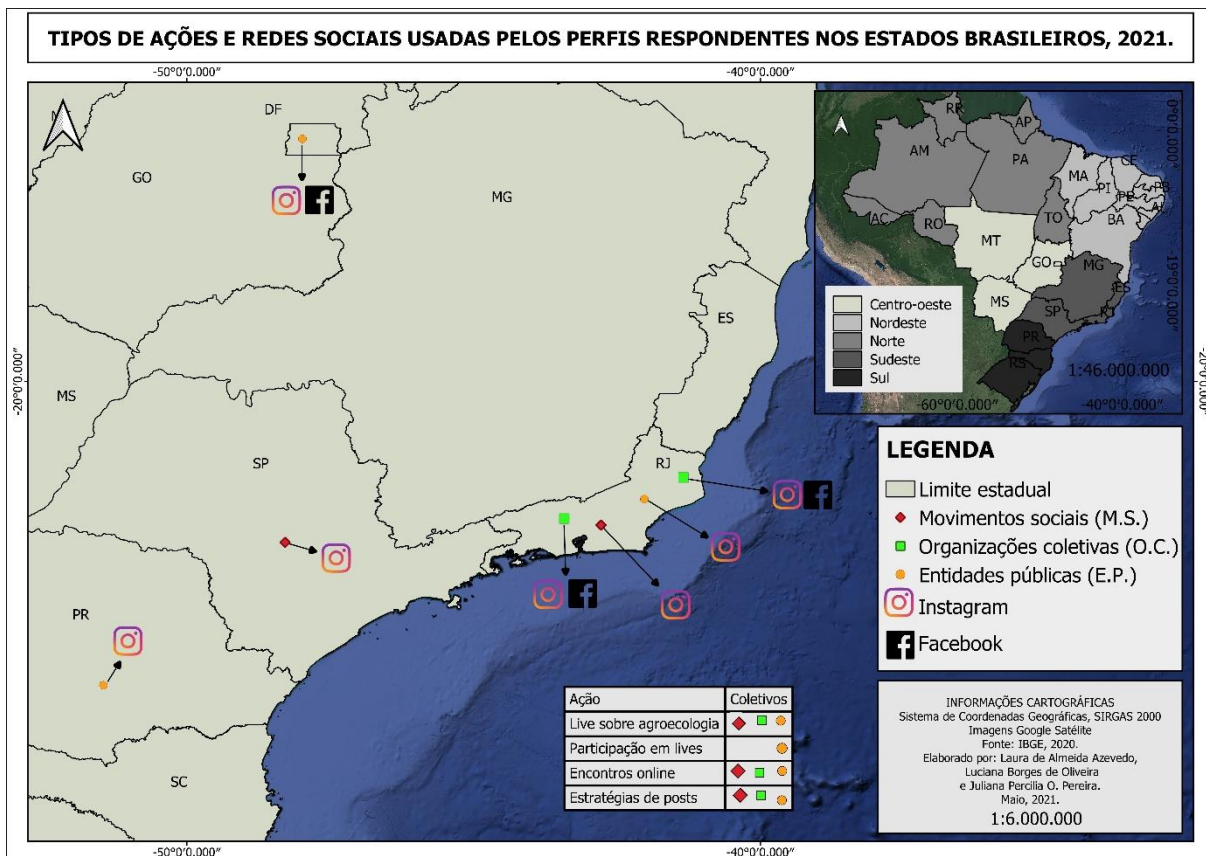
As organizações coletivas (O.C), por sua vez, apareceram em menor quantidade, em um total de 9 perfis identificados e em 6 estados e o Distrito Federal, sendo a maior concentração na região sudeste, aparecendo em três, dos quatros estados da região, não sendo observada nenhuma na região sul. Isso não quer dizer que não exista Organizações Coletivas nessa região, mas sim, que não foi encontrada na semana em que os dados, foram coletados.

As entidades públicas (E.P), organizações governamentais e também coletivos oriundos de universidades públicas, tiveram um destaque na quantidade de perfis encontrados. Foram 49 grupos desse caráter identificados em 13 estados e o Distrito Federal. As E.P destacadas no mapa 2 estão concentradas nos estados das regiões Nordeste, Sudeste e Sul, porém, também foi encontrada nas demais regiões no país. Essa classificação tem como objetivo captar as universidades que abordam o tema da Agroecologia em suas pautas e constatou-se que estão presentes em todas as regiões brasileiras.

Como visto nos mapas 1 e 2, a grande concentração de perfis nos estados das regiões Sul, Sudeste e Nordeste se deve, talvez, ao fato da localidade da pesquisa digital ser feita na região Sudeste e também pela problemática da distribuição do acesso à internet e as plataformas que disponibilizam essas redes sociais digital (*Facebook* e *Instagram*). Segundo a última pesquisa do PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua) em 2018, o uso da Internet vem cada vez mais se expandindo no país, atualmente o Brasil possui 79,1% da população com acesso à internet. Segundo o PNAD em 2018, o principal motivo da não utilização da *Internet* nos domicílios brasileiros é a falta de interesse em acessar a Internet (34,7%).

Com o propósito de obter dados mais específicos dos perfis coletados na nossa pesquisa, em relação a suas práticas dentro do universo das redes sociais *Facebook* e *Instagram*, construímos e enviamos um formulário Google aos perfis selecionados. Foram 20 formulários enviados aos perfis, sendo 10 no *Facebook* e 10 no *Instagram*. No mapa 3, tem-se a localidade dos perfis que responderam o questionário enviado, indicando as redes sociais que eles utilizam e suas ações.

Mapa 3: Tipos de ações e redes sociais usadas pelos respondentes nos estados brasileiros, 2021.



Fonte: IBGE, 2021.

Apesar da quantidade de questionários enviados a esses perfis, somente sete nos responderam. Dentre esses sete, a maioria que está localizada no estado do Rio de Janeiro, referindo a 4 deles e mais outros três estados, sendo 1 perfil de cada. Desses perfis respondentes, todos se caracterizam em pelo menos uma organização classificada, ou seja, houve respostas de grupos de organizações coletivas, de entidades públicas e de movimentos sociais. As ações promovidas pelos grupos respondentes de acordo com o questionário perfis e os resultados mais detalhados dos respondentes, descreveremos com mais detalhes na próxima seção.

4.4. Os resultados dos respondentes

Como visto nas seções anteriores deste capítulo, um dos métodos usados para esta pesquisa foi a aplicação do formulário *online* com o propósito de levantar dados sobre os perfis das redes sociais do *Facebook* e *Instagram* que abordam o tema da Agroecologia em suas páginas digitais. Dentre os 20 perfis selecionados aleatoriamente, 7 perfis se prontificaram a responder as perguntas enviadas por meio de mensagens digitais. Os perfis

que obtivemos sucesso em suas respostas foram todos da rede social *Instagram*, sendo nenhum respondido pela rede social do *Facebook*. Com isso, nesta seção, tratar-se-á sobre esses perfis digitais.

As estratégias de posts são muito utilizadas pelos perfis das redes sociais digitais, através delas é possível que os usuários divulguem assuntos de seus interesses para aqueles que lhes seguem. Tendo em vista esse ponto, a estratégia de post é uma das ações atenuantes dos nossos perfis identificados, como visto no mapa 3, pois, através dela seus seguidores obtém o conteúdo relevante a eles. Como podemos ver nas Imagens 1 a 6, as postagens feitas pelos perfis e suas respectivas propostas.

Imagem 1: Perfil do MST de Paranapanema – SP.



Fonte: perfil do *Instagram* @agroecologia_pontal.

O primeiro perfil a nos responder foi o MST do Pontal do Paranapanema, localizado na região do Pontal do Paranapanema, oeste do Estado de São Paulo (Imagem 1). Este perfil destina seu espaço para divulgação das práticas agroecológicas do movimento social, provém de estratégia de *posts* para viabilizar o tema da agroecologia enviado para eles, nos atenta para suas diversas formas de promoverem a agroecologia em suas redes sociais.

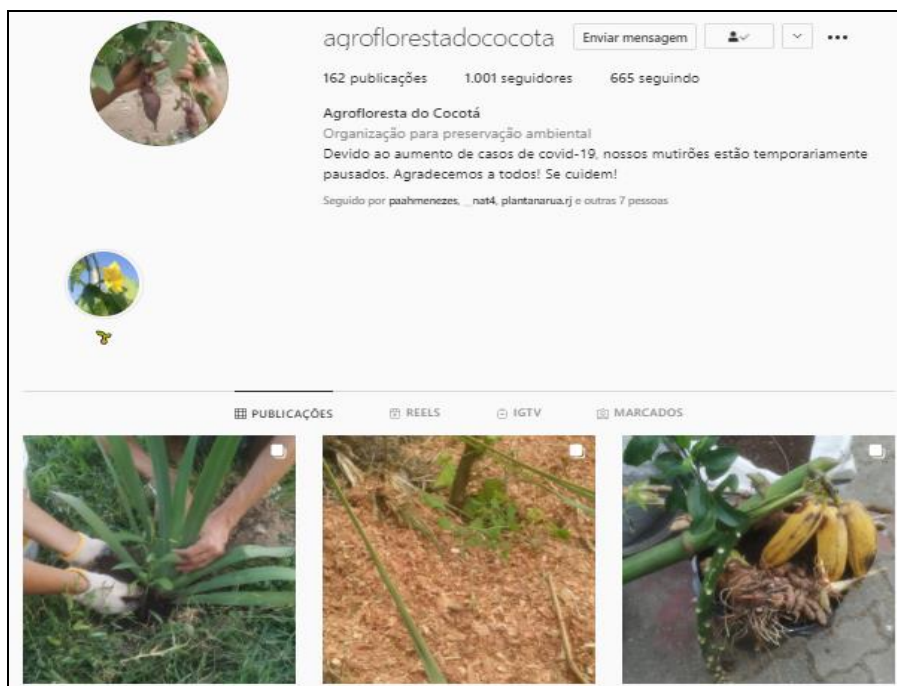
Imagem 2: Post sobre práticas agroecológicas do movimento social do MST de Paranapanema – SP.



Fonte: perfil do *Instagram* @agroecologia_pontal.

Nosso segundo respondente é o coletivo Agrofloresta do Cocotá, localizado na cidade do Rio de Janeiro, este coletivo tem como objetivo promover mutirões agroecológicos em prol da divulgação da agroecologia na região da Ilha do Governador.

Imagem 3: Perfil do coletivo Agrofloresta do Cocotá.



Fonte: Perfil do Instagram @agroflorestadococota

Imagem 4: Post sobre o mutirão organizado pelo coletivo



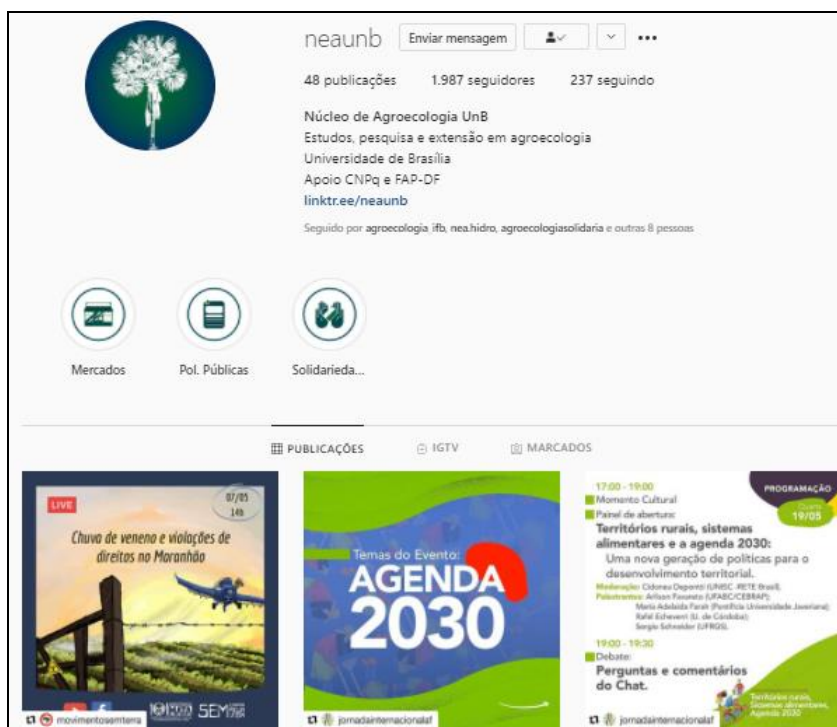
Fonte: Perfil do Instagram @agroflorestadococota

Os encontros *online* é uma das estratégias que são utilizadas por esses perfis no espaço da *Internet*, através deles é possível que pessoas troquem informações sobre assuntos de seus interesses, nesse caso, a Agroecologia. Esta estratégia é também uma das

mais utilizadas pelos perfis respondentes no nosso formulário enviado a eles, outros perfis utilizam também esta tática, como as organizações coletivas e as entidades públicas (mapa 3).

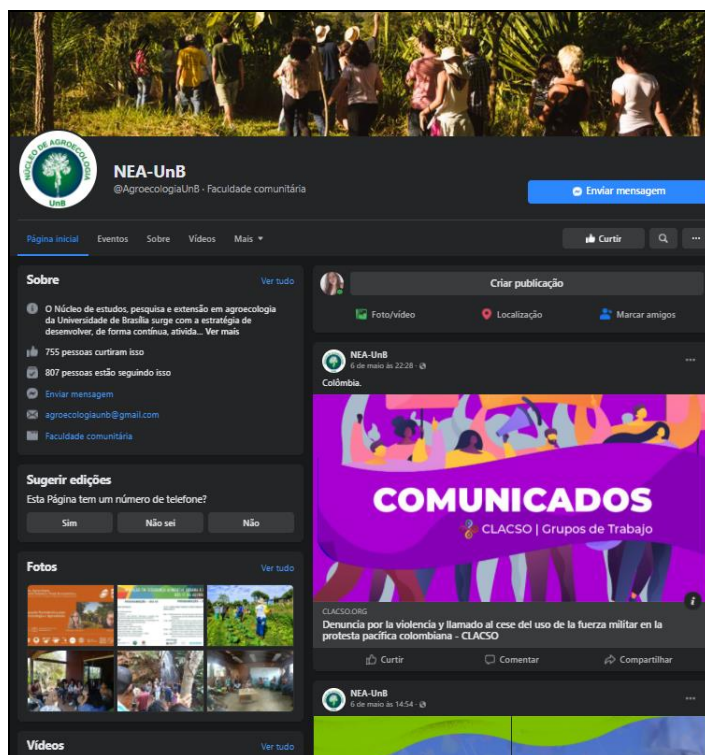
A fim de mostrar pelo menos um perfil de cada classificação construída nesse trabalho, o próximo perfil respondente é um perfil de origem universitário. O Núcleo de Agroecologia da Universidade de Brasília possui seu perfil destinado a posts sobre estudos, pesquisas e extensão em Agroecologia. A sua ação principal para promover a Agroecologia é a participação em *lives*, o perfil do núcleo de Agroecologia da UnB pode ser encontrado tanto na rede social *Instagram* (imagem 5), quanto na rede social do *Facebook* (imagem 6). Este núcleo, além de participar e promover *lives*, também utiliza da estratégia de posts para a divulgação da Agroecologia nos espaços digitais.

Imagem 5: Perfil do Instagram do Núcleo de Agroecologia da UnB.



Fonte: Perfil do Instagram @neaub.

Imagem 6: Perfil do Facebook do Núcleo de Agroecologia da UnB



Fonte: Perfil do Facebook

No mapa 3, é possível constatar que a localização dos respondentes está concentrada na região sudestes com a exceção do Distrito Federal e do estado do Paraná. No quadro 2 observa-se a localidade de origem de cada perfil dos respondentes.

Quadro 2: Nome dos perfis respondentes e suas respectivas localidades

Nome do perfil	Cidade
Núcleo de Agroecologia da Universidade de Brasília (NEAUnB)	Brasília - DF
Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia)	Nacional, sede estatutária no Rio de Janeiro
MST Pontal do Paranapanema	Região do Pontal do Paranapanema - SP
Núcleo de Estudos em Agroecologia (NEA Campo Largo)	Campo Largo - PR
Agrofloresta do Cocotá	Rio de Janeiro
Capim Limão	Rio de Janeiro
Biocultivar	Campos dos Goytacazes

Fonte: Dados coletados em 2021

O perfil do grupo universitário NEAUnB existe há mais de 3 anos, possui em seu núcleo mais de 10 pesquisadores e contam com as mídias das redes sociais do *Facebook* e do *Instagram* para alcançar seu público alvo. Segundo o nosso formulário, este coletivo alimenta suas redes sociais pelo menos 1 vez por mês, onde interage com o público através dos comentários desses posts. Acreditando que essas redes sociais digitais contribuem para a disseminação da agroecologia, fazem um tipo de linguagem textual e também por imagens para representar as informações transmitidas. O núcleo universitário conta com instituições, associações e cooperativas como parceria de suas ações. Durante do período de pandemia, o coletivo apresentou um aumento nas interações de seus perfis e participou de ações como *Live* e estratégias de post para dar viabilidade a Agroecologia.

A ABA-Agroecologia possui mais de 10 anos de existência, com seus mais de 10 integrantes, a ABA alimenta seus conteúdos nas redes sociais do *Facebook* e *Instagram* toda semana. Através das mensagens privadas, a associação faz o uso da troca de mensagens com seu público, pois, apesar de acreditar que as redes sociais digitais não sejam o único meio de propagar a Agroecologia, acredita que ela possa ser uma importante via de comunicação sendo ela textual ou por imagens. A ABA possui as Universidades como parceiras para desenvolver suas ações que, foram as mais diversas em meio à crise viral atual.

O MST - Pontal do Paranapanema - está localizado na região do Pontal do Paranapanema – SP e tem seu perfil destinado a espaço para a divulgação das práticas agroecológicas na região do Pontal Paranapanema. Existente há mais de 10 anos, o movimento social conta com mais de 10 integrantes e parceria com Associações, Cooperativas e Universidades. Possuindo apenas a rede social do *Instagram*, a cada 15 dias estabelece uma estratégia de publicação de posts para viabilizar o tema da Agroecologia em seu perfil, onde interage com seus seguidores por mensagens privadas.

O Núcleo de Estudos em Agroecologia de Campo Largo é um coletivo universitário do Instituto Federal do Paraná – IFPR, sendo mais recente, o coletivo tem de 3-5 anos e de 4-6 participantes. Possui somente o *Instagram* como rede social digital para postar toda semana suas informações para o público, interage pelos comentários e também pelas mensagens privadas, o coletivo se diz considerar essa forma de comunicação importante para disseminação das ações agroecológicas do perfil. O núcleo conta com parceria de instituições e faz uso de linguagens textuais e de imagens. O período de pandemia contribuiu para sua alta interação na rede digital devido suas estratégias de posts.

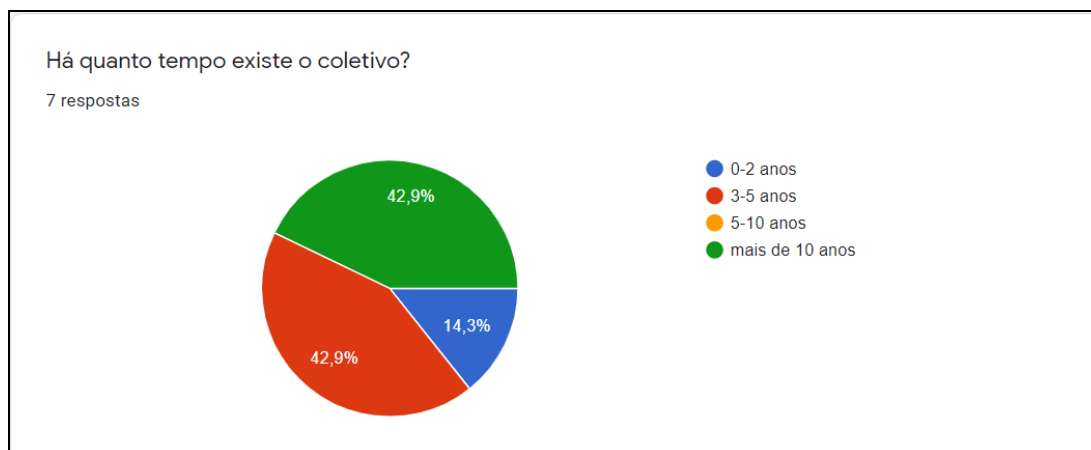
Localizada no Rio de Janeiro, a Agrofloresta do Cocotá também é um coletivo recente, possui de 3-5 anos, e conta com mais de 10 participantes, tendo apenas o *Instagram* como rede digital. Faz post a cada 15 dias para promover mutirões agroecológicos, mas acredita que essa rede seja a principal forma de divulgação para a agroecologia. Não possui nenhum tipo de parceria em suas ações, o coletivo participa de encontros *online* com o propósito de divulgar o tema.

O coletivo da Rede de Agroecologia da UFRJ reúne mais de 10 pessoas a mais de 10 anos, com o objetivo de divulgar ciência, agricultura e educação socioambiental, utilizando as plataformas do *Facebook* e do *Instagram* uma vez por mês. Acreditando que essas redes são importantes para a Agroecologia, o coletivo utiliza de fotos e textos para se comunicar com seu público. Faz uso de associações como parceria e estratégia de *Lives* sobre agroecologia para expandir o assunto.

O perfil da Biocultivar abarca conteúdos sobre pesquisa, extensão e educação. Localizada no interior da cidade do Rio de Janeiro, o mais recente coletivo conta com 4-6 pessoas em seu total e utiliza o *Instagram* como meio de postagem e interação com seu público alvo. Possui parceria com as Universidades, o coletivo utiliza de linguagem textual e fotográfica como forma de interagir com seus seguidores, participando também de *Lives* e fazendo estratégias de posts para o seu perfil.

Esses perfis, em sua maioria, existem há mais de 3 anos, 3 destes responderam ter mais de 10 anos de existência, 3 responderam que o perfil foi criado entre 3 a 5 anos de coletivo e apenas 1 dos sete perfis foi criado recentemente, ou seja, menos de 2 anos, como é possível visualizar no gráfico 1.

Gráfico 1: Tempo de existência dos coletivos,

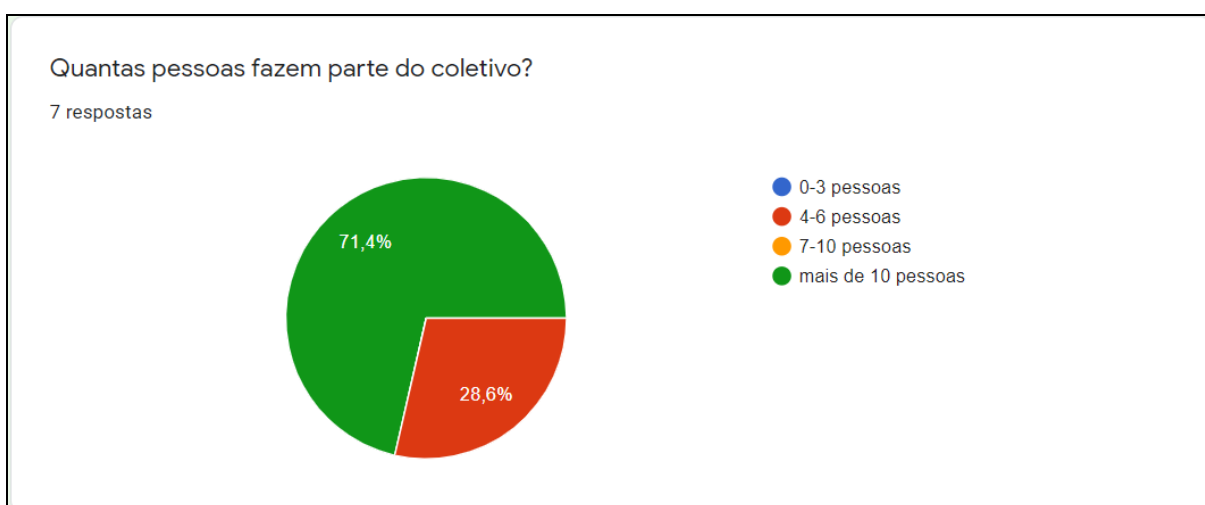


Fonte: Dados coletados em 2021

É possível observar que os perfis agroecológicos encontrados nas redes sociais digitais tanto os mais consolidados quanto os mais recentes, cuja propagação da valorização da Agroecologia é direcionada para um público jovem.

Cerca de 70% possuem mais de 10 pessoas que fazem parte do coletivo enquanto 28,6% dizem ter entre 4 a 6 pessoas organizadas. Percebe-se, a partir do gráfico 2, que há um número expressivos de indivíduos com o mesmo propósito de promover os princípios agroecológicos nas redes sociais digitais e dar visibilidade as suas práxis.

Gráfico 2: Quantidade de pessoas que fazem parte do coletivo

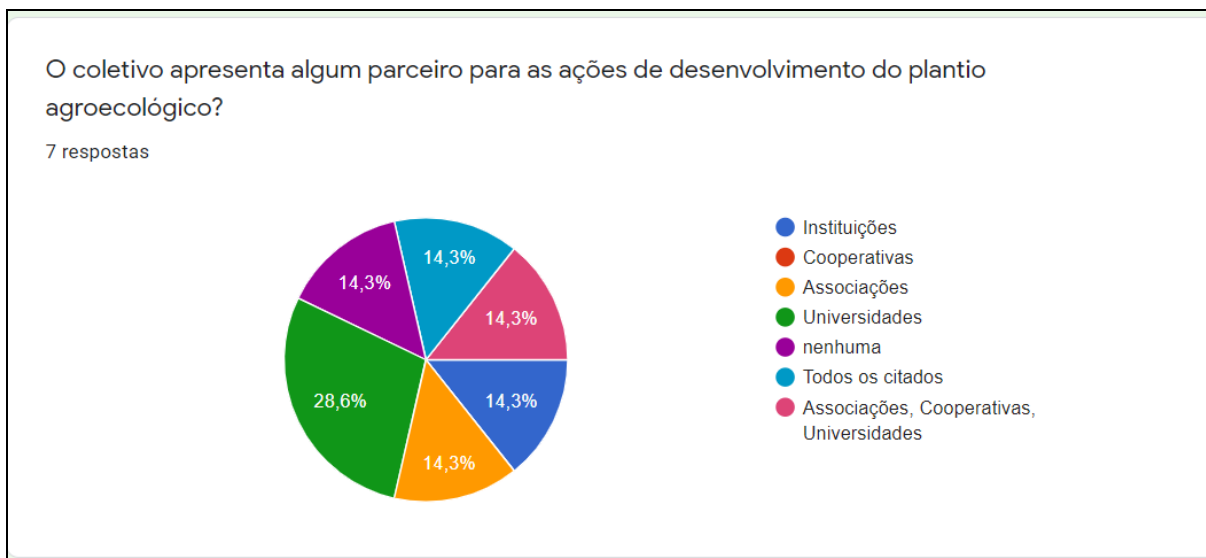


Fonte: Dados coletados em 2021

Esses grupos também usufruem de outras áreas para sua promoção como as práticas de encontros nacionais, congressos, mutirões, reuniões em associações e etc, mas como estamos falando de um momento atípico, causado pelo covid-19, procuramos entender como a falta desses encontros presenciais fizeram esses grupos se adequarem às novas situações. Também foi perguntado sobre as parcerias estabelecidas (Gráfico 3). A intenção foi identificar os principais meios, tipos de organização que os grupos respondentes poderiam mencionar para sua propagação, além do ambiente digital.

Foi observado que muitos dos perfis possuem pelo menos um parceiro de ação, em destaque as parcerias universitárias que possui a maior porcentagem desta pesquisa, 28,6%.

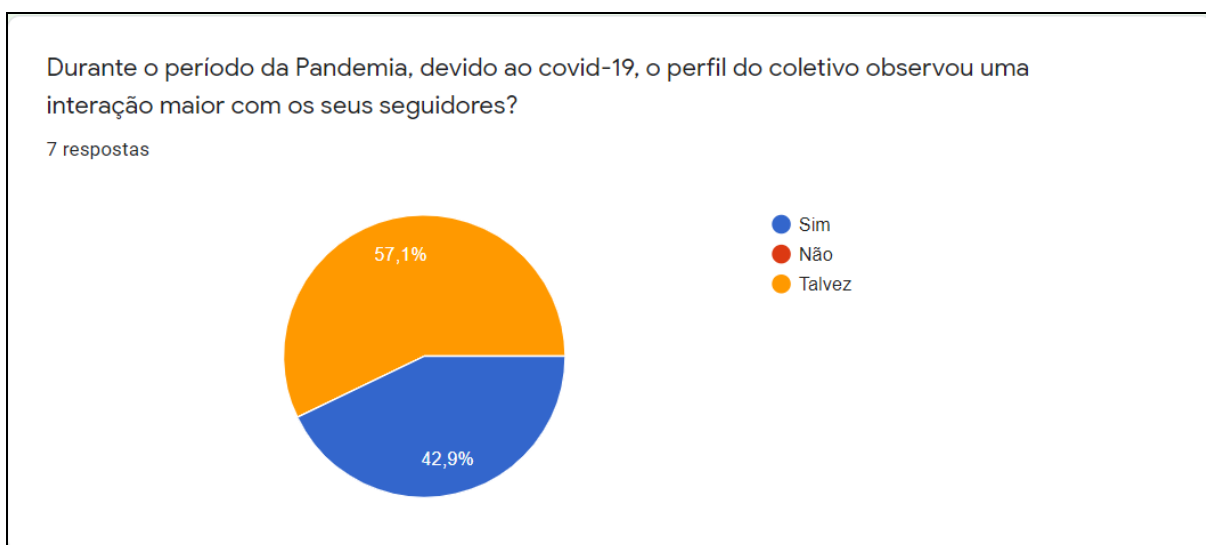
Gráfico 3: Representação dos tipos de parceria para as ações em prol da agroecologia



Fonte: Dados coletados em 2021

A fim de entender as práticas utilizadas dos perfis no ano de 2021, o ano de Pandemia, muitas atividades ficaram suspensas para evitar qualquer tipo de aglomeração. Com isso, buscou-se entender as estratégias que os perfis utilizam para driblar esse impacto nas formas de divulgação da Agroecologia, sendo elas agora de forma *online*. O gráfico 4 apresenta os resultados dessas estratégias produzidas pelos perfis nas redes sociais digitais para promover a agroecologia.

Gráfico 4: Dados sobre a interação dos perfis digitais com os seus seguidores



Fonte: Dados coletados em 2021.

Observando as repostas, maioria era a favor das ações praticadas por seus perfis nas redes sociais digitais, visto que não houve nenhuma resposta negativa a esse respeito. Essas práticas de forma digital podem ser vistas como, segundo Di Felice (2013), uma forma de cidadania e ativismo caracterizada pelos perfis digitais de coletivos e movimentos, onde a interação entre sujeitos, grupos e entidades com as tecnologias de informação, o acesso a banco de dados, as redes informativas e as diversas interfaces utilizadas constroem uma rede de forma colaborativa (DI FELICE, 2013, p.55). A colaboração entre os indivíduos é uma característica dos perfis digitais aqui apresentados, como também dos movimentos sociais fora do meio digital, o caráter de muitos deles envolve a organização de ações em prol da agroecologia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As redes da *Internet* e as redes sociais tradicionais promovem informações e comunicações de maneira rápida e efetiva ao encontro de pessoas com interesses comuns. Assim, os grupos que utilizam das redes digitais para mobilizar, organizar, deliberar, coordenar e decidir conseguem sobreviver aos que comungam de uma cultura específica e que buscam sua autonomia para ocorrerem as transformações na sociedade.

Os perfis que promovem o tema da Agroecologia nas redes sociais do *Facebook* e *Instagram* dispõem de um trabalho coletivo e sério para que os saberes agroecológicos perpassam nas escalas tradicionais e também agora nos digitais. A passagem dessas duas esferas possibilita aos coletivos e movimentos sociais a ascensão dos saberes agroecológicos para o seu público alvo, continuando em direção da atual dinâmica social.

A agroecologia, por sua vez, possui um caráter coletivo a partir da sua dinâmica na compatibilização dos seus saberes no meio social. Acredita-se que essa característica contribua para a realização de ações a favor dela na esfera digital das redes sociais.

Com a escala nacional utilizada para identificar os perfis nas redes sociais do *Facebook* e *Instagram*, foi possível observar sua espacialização, por meio dos mapas apresentados, uma significativa abrangência no território nacional, sendo identificada nas grandes regiões do país. Acredita-se esses coletivos e movimentos sociais situados nas redes digitais contribuem para a divulgação da agroecologia em suas localidades para aqueles que tenham interesse no tema em questão. Os perfis de universidades vêm fazendo um grande papel nas esferas da pesquisa científica em torno da Agroecologia junto aos movimentos sociais que historicamente carregam essas sabedorias.

Contudo, embora as expectativas positivas trazidas neste trabalho no âmbito das redes digitais e a agroecologia, é importante ressaltar que a rede digital é uma das diversas redes que a agroecologia perpassa. Sendo assim, valorizar os atores que não possuem acesso à internet e às plataformas digitais é de extrema importância, juntamente com as ações públicas, tanto para sensibilizar e traçar ações concretas em favor da agroecologia quanto para democratizar o uso da internet no território brasileiro.

6. Referências bibliográficas

- ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 4.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- AQUINO, Adriana María de; ASSIS, Renato Linhares de. Agricultura orgânica em áreas urbanas e periurbanas com base na agroecologia. **Ambiente & Sociedade**, v.10, n.1, p.137-150, 2007.
- ARL, Valdemar. Agroecologia: desafios para uma condição de interação positiva e coevolução humana na natureza. In: ALVES, Adilson F.; CARRIJO, B. C; CANDIOTTO, ASSIS, Renato Linhares de. **Agricultura orgânica e agroecologia: questões conceituais e processo de conversão**. Embrapa Agrobiologia-Documents (INFOTECA-E), 2005.
- ASSIS, Renato Linhares de. **Agroecologia no Brasil: análise do processo de difusão e perspectivas**. Tese (Doutorado em Economia Aplicada), UNICAMP. 2002.
- BRANDENBURG, Alfio. Movimento agroecológico: trajetória, contradições e perspectivas. **Desenvolvimento e meio ambiente**, v. 6, p. 11-28. 2002.
- CAPORAL, Francisco Roberto; COSTABEBER, José Antônio. **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília, 2004.
- CAPORAL, Francisco Roberto; PAULUS, Gervásio; CASTOBEBER, José Antônio. **Agroecologia: uma ciência do campo da complexidade**. Brasília, 2009.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra. v.1. 1999.
- CASTELLS, Manuel. A transformação do mundo na sociedade em rede. In: CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Zaar, [Cap. 6]. p. 127-140, 2013.
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, negócios e a sociedade**. Zahar, 2003.
- DE ALMEIDA, Angélica Patrícia; HENRIQUES, Márcio Simeone. A Apropriação do Facebook por Agricultoras que constroem a Agroecologia e os Feminismos em diferentes Contextos Socioambientais Brasileiros. **Retrieved June**, v. 4, 2018.
- DEH-TOR, C. M. Da agricultura urbana para um urbanismo agroecológico: a via transformadora da agroecologia urbana (política). **Agroecologia urbana**, p. 12-16, 2017.
- DI FELICE, Massimo. Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas. **Matrizes**, v. 7, n. 2, p. 49-71, 2013.
- GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecología: procesos ecológicos en agricultura sostenible**. Catie, 2002.

GUARDIÕES DA TERRA AGROECOLOGIA EM EVOLUÇÃO. Direção de Antonio Bento Mancio e Fabricio Menicucci. Produção de Isadora Abenza. Realização de Vallente Filmes. 2020.

GUEDES, Taís Morais. **As redes sociais -Facebook e Twitter- e suas influências nos movimentos sociais.** 2013.

HESPANHOL, Rosângela Ap. Agroecologia: limites e perspectivas. In: ALVES, Adilson F.; CARRIJO, B.C.; CANDIOTTO, Luciano Z.P. **Desenvolvimento territorial e agroecologia.** São Paulo: Expressão Popular, p. 117- 153 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios Contínua (PNAD Contínua). 2018. Disponível em: <https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Anual/Acesso_Internet_Televisao_e_Posse_Telefone_Movel_2018/Analise_dos_resultados_TIC_2018.pdf>. Acesso em 20 nov. 2020.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online.** Penso Editora, p. 09 - 17, 2014.

LEFF, Enrique. **Agroecologia e saber ambiental.** Agroecologia e desenvolvimento rural sustentável, v. 3, n. 1, p. 36-51, 2002.

LÉVY, Pierre. **O Que é o Virtual?** Editora 34. (Coleção TRANS), 1999.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais.** Porto Alegre: Sulina, 2013.

MALUF, Renato S.; MENEZES, Francisco; VALENTE, Flávio L. Contribuição ao tema da segurança alimentar no Brasil. **Cadernos de Debate**, v. 4, p. 66-88, 1996.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais-aplicação nos estudos de transferência da informação. In: **Ciência da informação**, v. 30, n. 1, p. 71-81, 2001.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes.** Editora Vozes Limitada, 2014.

MOREIRA, Roberto José. Críticas ambientalistas à revolução verde. **Estudos sociedade e agricultura**, p. 39-49, 2000.

NORDER, Luiz Antonio et al. Agroecologia: polissemia, pluralismo e controvérsias. **Ambiente & Sociedade**, v. 19, n. 3, p. 1-20, 2016.

OLIVEIRA, Yuri Rafael de. **O Instagram como uma nova ferramenta para estratégias publicitárias.** 2014.

PIERRE LEVY. **Cibercultura.** Editora 34, 2010.

- PIZA, Mariana Vassallo. **O fenômeno Instagram: considerações sob a perspectiva tecnológica.** 2012.
- RAMOS, Jair de Souza. Subjetivação e poder no ciberespaço. Da experimentação à convergência identitária na era das redes sociais. **Marcas da Inovação no Território. Vivência: Revista de antropologia**, v. 1, n. 45, 2020.
- RECUERO, Raquel. A nova revolução: as redes são as mensagens. In: BRAMBILLA, Ana (Org.). **Para entender as mídias sociais.** 2011. Disponível em: < <http://paraentenderasmidiassociais.blogspot.com/> >. Acesso em 04 de maio de 2021.
- RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina (Coleção Cibercultura), 2009.
- RESENDE, T.M; ROSOLEN, V. Complementaridade das técnicas quantitativas e qualitativas nos estudos ambientais: o solo e o manejo como foco de pesquisa In: MARAFON, Glaucio J., RAMIRES, Julio Cesar L., RIBEIRO, Miguel A.; PESSÔA, Vera Lucia S. (org.). **Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas.** Rio de Janeiro: EDUERJ, p. 22-35 2013,
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço.** Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hulcitech, 1996.
- SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas.** Editora UFRJ, 2015.
- SILVA, José Graziano da; STOLCKE, Verena. **O que é questão agrária.** São Paulo: Brasiliense, v. 16, 2001.
- SOUZA, Murilo Mendonça Oliveira de (org.). **Agroecologia: diversidade, movimento e resistência.** Anápolis: Editora UEG, 2019.
- SOUZA, Queila; QUANDT, Carlos. Metodologia de análise de redes sociais. O tempo das redes. **São Paulo: Perspectiva**, p. 31-63, 2008.
- TOMAÉL, Maria Inês; ALCARÁ, Adriana Rosecler; DI CHIARA, Ivone Guerreiro. Das redes sociais à inovação. **Ciência da informação**, v. 34, n. 2, p. 93-104, 2005.

7.APÊNDICE



Universidade
Federal
Fluminense



Agroecologia nas redes sociais

Este estudo visa realizar um levantamento com o propósito de identificar e caracterizar os grupos de produção agroecológica quanto ao perfil de localização e suas ações nas redes Facebook e Instagram ligadas à temática.

Nome do coletivo *

Texto de resposta curta

Cidade em que o coletivo se encontra *

Texto de resposta curta

Há quanto tempo existe o coletivo? *

0-2 anos

3-5 anos

5-10 anos

mais de 10 anos

Quantas pessoas fazem parte do coletivo? *

- 0-3 pessoas
- 4-6 pessoas
- 7-10 pessoas
- mais de 10 pessoas

Qual rede social o coletivo utiliza? *


- somente o Facebook
- somente o Instagram
- Facebook e Instagram
- Outros...

Qual a frequência de postagem na rede social? *

- uma vez por ano
- uma vez por mês
- a cada 15 dias
- toda semana
- todos os dias
- Outros...

Qual o tipo de interação por mensagem mais comum pelo perfil? *

- através dos comentários
- através das mensagens privadas
- Outros...

Em uma escala de 0 a 10, sendo 0 pouco importante e 10 muito importante. Considera as redes sociais a principal via de ampliação para a disseminação das ações de agroecologia promover a página? 

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	
pouco importante	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	muito importante

Qual o tipo de linguagem usados no perfil? *

- textual
- imagens
- todas a cima
- Outros...

O coletivo apresenta algum parceiro para as ações de desenvolvimento do plantio agroecológico? *

- Instituições
- Cooperativas
- Associações
- Universidades
- nenhuma
- Outros...

Durante o período da Pandemia, devido ao covid-19, o perfil do coletivo observou uma interação maior com os seus seguidores? *

- Sim
- Não
- Talvez

O coletivo realizou alguma ação com o propósito de viabilizar o tema da agroecologia em seu perfil no período da Pandemia? *

- Live sobre agroecologia
- Encontros online
- Estratégias de posts
- não realizou nenhuma ação
- Outros...